

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ADRIANA SILVA FLEISCHMANN GAVA

**A RELIGIOSIDADE DO JOVEM CONTEMPORÂNEO:
SIGNIFICADOS E INTERPRETAÇÕES**

Vitória

2013

ADRIANA SILVA FLEISCHMANN GAVA

**A RELIGIOSIDADE DO JOVEM CONTEMPORÂNEO:
SIGNIFICADOS E INTERPRETAÇÕES**

Dissertação de Mestrado para obtenção do
grau de Mestre em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória Programa de Pós-
Graduação.

Linha de Pesquisa: Religião e Esfera Pública.

Orientador: José Adriano Filho

Vitória

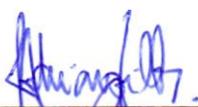
2013

ADRIANA SILVA FLEISCHMANN GAVA

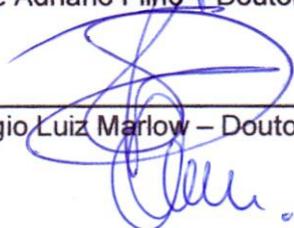
A RELIGIOSIDADE DO JOVEM CONTEMPORÂNEO: SIGNIFICADOS E INTERPRETAÇÕES

Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória no programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões.

Área de Concentração: Religião e Sociedade.



José Adriano Filho – Doutor em Ciências da Religião - UNIDA (Presidente)



Sergio Luiz Marlow – Doutor em História – UNIDA

Osvaldo Luiz Ribeiro – Doutor em Teologia - UFES

Gava, Adriana Silva Fleischmann

A religiosidade do jovem contemporâneo / Significados e interpretações / Adriana Silva Fleischmann Gava. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2013.

xi, 64 f. ; 31 cm.

Orientador: José Adriano Filho

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2013.

Referências bibliográficas: f. 63-64

1. Ciência da religião. 2. Cultura. 3. Religiosidade. 4. Juventude.
- Tese. I. Adriana Silva Fleischmann Gava. II. Faculdade Unida de Vitória, 2013. III. Título.

RESUMO

Nossa sociedade vive em constantes transformações, o que vem a interferir na vida das pessoas, o que nos leva a buscar compreender como ficam as concepções e referenciais deste sujeito social. Estas transformações sempre existiram, o que nos assombra é a velocidade com que elas têm ocorrido na pós-modernidade. Neste cenário, objetivamos elucidar algumas questões referentes a como vivem os jovens neste mundo tão diverso e rico culturalmente. Esta dissertação se propõe a pesquisar como os jovens manifestam sua religiosidade na sociedade atual e em que medida a religião interfere em sua vida. Na primeira parte procuramos estabelecer as características da sociedade contemporânea, por meio do estudo da cultura humana e também da religião como traço cultural. Na segunda parte, buscamos compreender como se estabelece o jovem nessa sociedade, suas características de formação e atuação nesse contexto acometido por constantes mudanças, e como sua religiosidade se manifesta nesse mundo cheio de contradições. Para melhor analisarmos as inter-relações entre cultura, religião e juventude realizamos um estudo com os alunos internos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – IFES Campus Itapina.

Palavras-chave: Cultura, Religião, Religiosidade, Juventude.

ABSTRACT

Our society lives in constant transformation, which is interfering in people's lives, which leads us to seek to understand how to get the concepts and frameworks of this social subject. These changes in society always existed, what haunts us is that in postmodernity the speed with which they occur is very large. In this scenario, we seek to clarify some issues regarding how young people live in this world so diverse and culturally rich. This dissertation aims to investigate how young people express their religiosity in contemporary society and to what extent religion interferes in their lives. In the first part we seek to establish the characteristics of contemporary society through the study of human culture and religion as well as the cultural trait. In the second part, we seek to understand how to establish the young in this society, their education and performance characteristics of this scenario affected by constant changes, and how their religion is manifested in this world full of contradictions. To better analyze the interrelationships between culture, religion and youth we conducted a study with the internal students at the Federal Institute of Education, Science and Technology of the Espírito Santo - IFES Campus Itapina.

Keywords: Culture, Religion, Youth.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 SIGNIFICADOS E INTERPRETAÇÕES DE CULTURA	8
1.1 CULTURA	8
1.1.1 Primeiros delineamentos	8
1.1.2 A noção antropológica de cultura.....	10
1.1.3 Cultura e religião.....	14
1.2 A CULTURA EM NOSSA SOCIEDADE	16
1.2.1 A relação entre as culturas.....	16
1.2.2 Cultura e globalização	19
1.2.3 Cultura Jovem	22
2 JUVENTUDE E RELIGIÃO	26
2.1 O JOVEM CONTEMPORÂNEO	26
2.1.1 Definições de Juventude	26
2.1.2 Características Gerais da Juventude	29
2.1.3 O jovem no cenário contemporâneo	32
2.2 A RELIGIOSIDADE DO JOVEM	35
2.2.1 Religião e religiosidade: Conceitos e definições.	36
2.2.2 Os jovens diante dos processos de secularização: O desencantamento e a busca de sentido.	38
2.2.3 A identidade religiosa dos jovens.....	42
3 O JOVEM E A RELIGIÃO NO IFES – CAMPUS ITAPINA	46
3.1 Características do jovem agricolano	46
3.2 A religiosidade do jovem agricolano	49
3.3 O lugar da religião na vida do jovem agricolano	52
CONCLUSÃO	60

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca delinear as inter-relações que se estabelecem entre a cultura em nossa sociedade e a religião, e o jovem neste contexto. Não temos como conhecer nosso jovem, sem conhecermos os aspectos culturais que interferem e determinam os traços e comportamentos humanos.

Para alcançarmos este objetivo lançamos mão de uma pesquisa bibliográfica, que buscou o significado e interpretações de cultura que povoam o imaginário e a vida das pessoas. Assim, como buscamos embasamento para a compreensão da religiosidade e manifestações religiosas dos jovens neste cenário cultural.

Iniciamos com a palavra cultura e seu significado, dialogando com os primeiros estudiosos a tratar o tema, a relação homem-cultura e cultura-religião. Trouxemos esta discussão para a atualidade, com a relação entre as culturas neste mundo globalizado, e como se estabelece a cultura jovem, neste mundo tão diverso e tão cheio de 'ofertas'. Como o jovem age e reage diante das regras estabelecidas pela sociedade atual. Para esta compreensão tornou-se necessário um aprofundamento dos conhecimentos a respeito deste jovem e suas características, a juventude como categoria social e o espaço abarcado na sociedade atual por esta categoria.

Dessa forma chegamos ao nosso objetivo, buscar compreender como estes jovens manifestam sua religiosidade nos dias atuais e como a religião interfere em suas vidas. Traçamos um paralelo entre religião e religiosidade, como estas estão presentes em nossa sociedade e qual o comportamento do jovem diante dos processos de 'secularização' que se estabeleceram.

No último capítulo, buscamos verificar como toda esta relação juventude-religiosidade 'in loco', realizando um levantamento de dados junto aos jovens estudantes internos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - IFES Campus Itapina.

O IFES – Campus Itapina (Antiga Escola Agrotécnica Federal de Colatina) ocupa uma área de 316 hectares destinados ao desenvolvimento de projetos agropecuários, está localizado no Distrito de Itapina e fica a 17 quilômetros da

cidade de Colatina. A escola foi inaugurada em 28 de abril de 1956, e já teve várias denominações antes de ser chamada Campus Itapina, a partir de dezembro de 2008, na ocasião da criação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, por meio da integração das antigas Escolas Agrotécnicas Federais e os Centros Federais de Educação Tecnológica, antigos CEFETES.

O IFES Campus Itapina oferece cursos técnicos profissionalizantes integrados ao Ensino Médio para alunos que concluíram o Ensino Fundamental e também cursos subsequentes ao Ensino Médio para alunos que já o concluíram, além de oferecer dois cursos de nível superior: Agronomia e Licenciatura em Ciências Agrícolas, destes apenas o de Licenciatura funciona no turno noturno, os demais cursos funcionam em período integral (matutino e vespertino). Um dos cursos técnicos profissionalizantes funciona na modalidade de Educação para Jovens e Adultos, o Curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio, sendo oferecido no turno noturno. A infraestrutura do campus abrange uma área total de 2.960.000 m² sendo de área construída 28.411 m². O prédio pedagógico conta com salas de aulas climatizadas, laboratórios de informática, área administrativa, miniauditório, salas de planejamento, reprografia, refeitório, cantina e área de lazer. O campus conta também com o prédio administrativo, a biblioteca, a unidade de saúde, as unidades de trabalho de campo e o complexo de laboratórios (solos, entomologia, plantas, alimentos, química, física e biologia). A área de esportes compreende: ginásio poliesportivo, duas quadras (sendo uma coberta e outra não) e campo de futebol. Esta ampla infraestrutura proporciona recursos para oferecimento de educação de qualidade, e também atuação na área de pesquisa e extensão atendendo à comunidade local.

Por estar localizado a certa distância da cidade e atender a região noroeste do estado e também algumas cidades de Minas Gerais e Bahia, o campus oferece o sistema de internato, assim também são áreas construídas no campus: os alojamentos, sala de TV e lavanderia. É neste espaço que vivem os jovens, objeto de estudo desta pesquisa. O internato atende a jovens em sua maioria de baixo nível socioeconômico, filhos de pequenos e médios agricultores.

Os educandos do IFES – Campus Itapina têm uma rotina pesada de estudos, uma vez que é uma escola de tempo integral, cumprindo uma carga horária

diária de oito horas/aula (matutino e vespertino). Após o término das aulas, às 15h35min ainda são oferecidas as aulas de dependência, reforço e monitoria.

Hoje, o campus atende a cerca de 650 alunos, sendo 425 nos cursos técnicos e 225 alunos nos cursos superiores. Destes, 91 estudam no turno noturno. São alunos internos 137.

Estes últimos, objetos de nossa pesquisa, permanecem no campus e transformam este num ambiente diferenciado após o término das atividades acadêmicas às 22 horas. Quem são estes sujeitos, em que ponto este diferencial em suas rotinas, interfere em seu projeto de vida? No intuito de compreender melhor os jovens, tomamos como objeto desta pesquisa este sujeito especial, que vive uma rotina específica, vivenciando um ambiente educacional de maneira diferenciada, ficando longe de suas famílias por períodos mais longos, estabelecendo outros laços de relacionamentos no ambiente educacional formal/informal do internato IFES – Campus Itapina.

No corrente ano atendemos a 137 alunos no internato. Sendo 57 da 1ª série, 31 da 2ª série e 49 da 3ª série. Estes são divididos nos quartos de acordo com a série e curso que fazem. Os quartos acomodam até oito alunos e contam com banheiro, sendo dois chuveiros e dois vasos sanitários, cada aluno possui um armário de aço com três portas. Os alunos internos recebem cinco refeições diárias (café da manhã, almoço, lanche da tarde, jantar e lanche da noite). Após o horário normal de aulas, eles podem utilizar a biblioteca do campus que fica aberta até as 21 horas, o laboratório de informática, as áreas de lazer, sala de TV e sala de estudo.

O internato possui normas de funcionamento que devem ser seguidas a risca para manutenção do benefício. Estas regras são discutidas com pais e alunos ao início do ano letivo, e deixam claras as condutas a serem adotadas no internato.

1 SIGNIFICADOS E INTERPRETAÇÕES DE CULTURA

1.1 CULTURA

1.1.1 Primeiros delineamentos

Todos nós já ouvimos falar sobre cultura, diversidade cultural, cultura de um povo... Esta não é uma palavra, nem conceito novo, desde o século XIX existem estudos a respeito das culturas humanas. Mas, essa preocupação não produziu uma definição clara e definitiva do que seja cultura, e não existe um consenso a respeito deste conceito.

Segundo Laraia¹, o termo cultura surgiu em 1871, tendo como origem os termos Kultur (realizações materiais de um povo) e Civilization (que simbolizava os aspectos espirituais de uma comunidade). Edward B. Tylor² sintetiza em *culture* todas as realizações humanas, afastando do termo aquilo que é inato e biologicamente determinado, uma vez que a cultura surge das relações estabelecidas pelos membros de uma sociedade entre si e com o meio em que vivem. Ou seja, não existe sociedade sem cultura, mas dentro de uma sociedade podem existir diversas culturas.

Tylor³ conceituou a cultura como “um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.” E a entendia como um processo natural e evolucionista, sendo a diversidade resultado das etapas deste processo.

Essa ideia foi contestada pelo antropólogo Franz Boas que propõe um estudo histórico das culturas, que deixa de ter referência única e passa a ser vista como ‘modo de vida’ de uma sociedade. Outro pensador marcante que defende a importância da história para o conceito de cultura é Clifford Geertz⁴, que diz:

¹ LARAIA, Roque de Barros. Cultura, um conceito antropológico. Zahar. Rio de Janeiro, 1986, p. 25.

² TYLOR, 1871 apud LARAIA, 1986, p. 25.

³ TYLOR, 1871 apud LARAIA, 1986, p. 25.

⁴ GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas, Rio: Zahar, 1978, p.26.

...a imagem de uma natureza humana constante, independente de tempo, lugar e circunstância, de estudos e profissões, modas passageiras e opiniões temporárias, pode ser uma ilusão, que o que o homem é pode estar tão envolvido com onde ele está, quem ele é e no que ele acredita, que é inseparável deles.

Esse pensamento dá origem a um trabalho antropológico de interpretação das culturas, e esta se aproxima da noção geral que a maioria da população tem sobre o termo que se baseia na ideia de que o ser humano se difere dos outros animais pela sua capacidade de pensar, de criar e de planejar suas ações, tudo isso possibilita que ele transmita seus conhecimentos a outras gerações. Toda essa “criação humana” recebe o nome de cultura. E poderíamos dizer que a cultura é a própria condição de existência dos seres humanos em suas interações. Geertz considera a cultura também como um processo dinâmico e de relações simbólicas que os homens desenvolvem o tempo todo. O homem não nasce com esses dados, ele vai adquirindo e produzindo o mesmo no decorrer de sua vida.

Lembramos aqui Brandão e Duarte⁵, que assim definem cultura:

... É um produto do trabalho do homem e de tal forma inerente à sua vida que podemos afirmar que não existe ser humano sem cultura, nem que todo ser humano é produto de sua cultura. Em outras palavras, o homem é produto e produtor da cultura.

Este conceito nos mostra o quanto que se misturam o autor (o homem) e seu produto (a cultura) como se fosse um emaranhado, uma teia... Como bem define Geertz⁶, de acordo com conceito defendido por Max Weber: “O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. A cultura é formada por essas teias...” Esta é uma definição semiótica, pois para Geertz a cultura só poderia ser entendida a partir da análise do significado que as pessoas dão ao mundo e aos acontecimentos a sua volta. Para ele, “a cultura é pública, porque o significado o é”⁷, e um é inseparável do outro. Assim, a cultura não pode ser vista apenas como a produção do homem, mas toda a rede de significados e sentidos que regem sua vida, significados construídos e compartilhados por todos em sociedade.

Passamos dessa maneira de uma primeira concepção de cultura, de Tylor, que se preocupava com os aspectos mais ‘palpáveis’ de uma realidade social e tudo

⁵ BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. Movimentos culturais de juventude. 2. ed. reform. São Paulo: Moderna, 2008, p. 10.

⁶ GEERTZ, 1978, p. 4.

⁷ GEERTZ, 1978, p. 4.

que caracterizava sua existência. Para uma segunda concepção, mais abrangente, que considerava o conhecimento, as interpretações, as idéias e crenças geradas pelos indivíduos desta sociedade.

Porém as preocupações com o estudo da cultura envolvem muitos aspectos, que inclusive a confundem até com a própria nação deste povo, envolvendo relações de poder dentro de uma sociedade. A cultura apresenta formas e características diferentes no espaço e no tempo, envolvendo vários aspectos determinantes na formação de um povo, abrangendo várias dimensões, podendo ser entendida por meio de diferentes categorias históricas, comportamentais, sociológicas, e por meio também dos aspectos normativo, funcional, mental e estrutural. Percebemos que conceituar cultura é uma atividade plural que requer um delicado delineamento do campo de trabalho no qual se insere a pesquisa. Torna-se necessário redefinir esse conceito, uma vez que vivemos em uma sociedade dinâmica, com diferentes dimensões de tempo e espaço que interferem em seu processo histórico.

Na atualidade, as mudanças vêm ocorrendo num turbilhão de quebra de paradigmas que superam conceitos estáticos, a cultura passa a ser compreendida de maneira mais reflexiva, levando em consideração todo o processo que envolve sua produção, num olhar mais depurado e específico.

1.1.2 A noção antropológica de cultura

Para melhor nos situarmos, repassaremos algumas das muitas definições de cultura, buscando destacar o que vem a interessar a antropologia, pois é com este olhar antropológico que desenvolvemos nossa pesquisa.

Os antropólogos tiveram a preocupação de estabelecer leis gerais para a interpretação e descrição dos fenômenos da cultura. Como já abordado o primeiro autor a conceituar cultura foi Tylor, com uma visão unilateral e evolucionista da mesma. Franz Boas contestou esta ideia, ele acreditava que cada cultura era única e se manifestava por meio dos costumes do povo, e seu desenvolvimento era definido pelos acontecimentos históricos que os envolviam. Assim, Boas definiu cultura:

La cultura incluye todas las manifestaciones de los hábitos sociales de una comunidad, las reacciones del individuo en la medida en que se ven afectadas por las costumbres del grupo en que vive, y los productos de las actividades humanas en la medida en que se ven determinadas por dichas costumbres.⁸

Como Boas, Bronislaw Malinowski também atacou o evolucionismo, para ele a cultura seria um instrumento que estaria ligado à satisfação das necessidades biológicas do homem, e que com o desenvolvimento, o passar do tempo, ela vai estabelecendo uma estrutura de funcionamento da sociedade a qual o homem se submete. Malinovski destaca a importância da herança cultural para o homem, que se aprimora a partir dos conhecimentos acumulados pela humanidade.

Alfred Kroeber, antropólogo americano afirma que a cultura é determinante na formação do ser humano, que independente de sua herança genética, são os costumes da comunidade onde vivem que definem o que são, este é um processo cumulativo por meio do qual se adaptam ao ambiente.

Marvim Harris concorda que a cultura é um sistema adaptativo, por meio dela o homem se adapta cultural e biologicamente à sua comunidade e ao ambiente. Para ele:

La cultura alude al cuerpo de traciones sociamente adquiridas que aparecen de forma rudimentaria entre los mamíferos, especialmente entre los primates. Cuando los antropólogos hablan de una cultura humana normalmente se refieren al estilo de vida total, socialmente adquirido, de un grupo de personas, que incluye los modos pautados y recurrentes de pensar, sentir y actuar.⁹

São estes modos de viver, seus conhecimentos e criações que lhe proporcionam esta capacidade cultural de adaptação.

Por último, mas sem por fim ao assunto, cito novamente Clifford Geertz e seu conceito de cultura:

La cultura se comprende mejor no como complejos de esquemas concretos de conducta – costumbres, usanzas, tradiciones, conjuntos de hábitos -, como há ocurrido em general hasta ahora, sino como una serie de mecanismos de control – planes, recetas, fórmulas, reffas y instrucciones (lo que los ingenieros de computación llaman “programas”) - que gobiernam la conducta.¹⁰

⁸ BOAS, 1930 apud Kahn, J.S. El concepto de cultura: Textos fundamentales, 1975, p.14.

⁹ HARRIS, 1981 apud PEREIRO, Xerardo. Apontamentos de Sociologia Sociocultural, 2011-2012, p. 16

¹⁰ GEERTZ, Clifford. El impacto del concepto de cultura en el concepto de hombre: a La interpretación de las culturas, Barcelona: Gedisa, 1987, p. 51.

Nascemos com a capacidade de nos adaptar a qualquer sistema cultural, desde que respeitemos suas regras. Geertz concebe a cultura como uma teia de significados simbólicos criados pelo homem, para compreender a cultura de um povo, basta apreender os significados que eles atribuem aos símbolos, às crenças, ou seja, ao mundo a sua volta.

A partir destes conceitos, podemos enumerar algumas características da noção antropológica de cultura:

Não temos cultura por termos herdado biologicamente de nossos antepassados, ela é adquirida por meio da aprendizagem, é o que chamamos de **inculturação**, processo pelo qual interiorizamos os costumes do grupo a que pertencemos. O ser humano é o único ser vivo que conta com a linguagem para articular e transmitir informações a seus iguais, o que permite a acumulação de todo um acervo cultural.

Geertz baseou suas pesquisas justamente na leitura das representações simbólicas do homem, para ele a cultura é um conjunto de modelos da realidade, dizia que “os homens são geneticamente **aptos** para **receber um programa** e este **programa** é o que chamamos de cultura”¹¹. Esta é outra característica da cultura, ela é simbólica, o ser humano tem capacidade de criar símbolos e de atribuir-lhes significado, e este significado é partilhado pelo grupo de maneira convencional. Podemos citar como exemplo, o uso da cor preta, significando luto no Brasil – algumas sociedades usam o branco, como a China. Ou seja, algo pode ter diferentes significados em diversas culturas.

A cultura, entendida desta forma como um sistema de signos se contrapõe a natureza, passamos a controlar nosso corpo biológico de acordo com o costume do grupo, suas convenções. Por exemplo, arrotar, soltar gases, por mais natural que seja, em nossa sociedade há limitações para estas ações. Dessa forma, vamos aprendendo, inculturando outros hábitos, não biológicos e naturais: andar de bicicleta, ler, cultivar, etc.

Percebemos que alguns elementos são determinantes na cultura de um povo e se caracterizam em crenças, ideias, valores, normas e signos. Todavia, no

¹¹ LARAIA, Roque de Barros. Cultura, um conceito antropológico. Zahar. Rio de Janeiro, 1986,p. 61.

cotidiano estas palavras se confundem, e para o estudo antropológico esta definição é fundamental.

Uma ideia pode ser empiricamente comprovada por meio de fatos observáveis, já as crenças não, elas são pensamentos que temos sobre a vida que não se tem como provar. Tanto as idéias como as crenças são modos cognitivos de apreender a realidade, de conhecê-la.

Os valores são aquilo que o grupo estima, que é importante para todos. Relaciona-se com o que definimos como sendo bom ou mau, e interfere diretamente nas normas do grupo. As normas são as regras de como comportar-se, o que se deve ou não fazer.

Já os signos, criação do homem para comunicar-se são um veículo de interação do grupo que possibilita a existência dos demais, a linguagem é determinante para o desenvolvimento cultural das sociedades.

Como vimos, existem muitas culturas, únicas e diversas, partilhadas e inclusivas, que ao mesmo tempo em que identifica, também diferencia. Não existe povo sem cultura, assim como não existe cultura melhor nem pior, existem valores diferentes até mesmo dentro de um mesmo grupo cultural. Isto tudo se contrapõe ao relativismo cultural que vem a combater o etnocentrismo, que ocorre na dualidade local-global tão indistinta nos dias atuais.

Toda esta facilidade que a produção tecnológica humana proporcionou, ao mesmo tempo em que contribuiu para que o homem tivesse esta visão do todo, não fez com que superássemos o etnocentrismo, tendemos a considerar a nossa cultura como 'a correta', pois somos governados por estes padrões, valores centrais, este 'programa piloto' que nos governa.

Porém, isso não automatizou totalmente o homem, ele é capaz de transgredir as regras, não somente negativamente como é tão comum hoje em dia, mas também criativamente de forma produtiva, inovando em diversas áreas, inventando instrumentos para melhoria de sua vida e até novas formas de interação. Com isso tudo, tempo e espaço se modificaram e passaram a ter outros sentidos nas sociedades atuais, e hoje o homem pode escolher o seu repertório cultural, pois tem acesso a uma grande diversidade.

1.1.3 Cultura e religião

Não podemos deixar de abordar aqui a importância que a religião tem como determinante nos traços culturais das sociedades humanas, principalmente na sociedade brasileira. Religião e cultura sempre andaram juntas e isso se torna ainda mais visível no Brasil devido à grande diversidade étnica da formação de seu povo. Assim como não podemos dizer se o homem é produto ou produtor da cultura, não conseguimos definir em que grau que a cultura determina a religião de um povo, ou se a religião é fator determinante nos aspectos culturais deste grupo. Ambos são intrinsecamente ligados. Como diz Santos:

A cultura mantém relações complicadas com a sociedade de que faz parte. Ela é produto dessa sociedade, mas também ajuda a produzi-la, tanto porque está ligada à manutenção de concepções e de formas de organização e de vida, quanto porque está ligada à transformação destas.¹²

Geertz diz que a religião com seus sistemas de símbolos e significados são determinantes na cultura da sociedade, influenciando as normas, a moral e os costumes do grupo.

É fascinante buscar as relações que se estabelecem entre religião e cultura, buscando deixar de lado os pré-conceitos inculturados em nós por nossas vertentes cultural e religiosa, pois este é um mundo vasto, rico e diverso, com diferentes matizes a serem apreciadas.

Atendo-nos a formação da cultura brasileira, não podemos ignorar a grande influência que teve a igreja na história de nosso povo. Os conflitos gerados pela mistura resultante da colonização, as diversas crenças que coexistem apesar das tentativas de aboli-las. Como afirma Santos “é a história de cada sociedade que pode explicar as particularidades de cada cultura, as maneiras como seus setores, [...], instituições se relacionam, formando uma teia que condiciona seu próprio desenvolvimento.”¹³

O aspecto religioso tem posição de destaque em nossa história e não temos como negar o peso que exerce na cultura do povo brasileiro, ele é parte constitutiva e fundante de nossa cultura. A experiência religiosa não se atém a um nível transcendental, ela interfere diretamente no cotidiano das pessoas e das

¹² SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 65.

¹³ SANTOS, 2006, p 76.

sociedades. Como diz Fowler, que vê a fé humana como uma postura existencial dinâmica, uma maneira de inclinar-se para dentro e achar ou dar sentido às condições de nossa vida. O ser humano sente necessidade de dar a sua vida um sentido supremo, maior do que sua simples e pura existência.

Segundo Geertz “o homem é religioso não por hábito ou costume, mas por que tem tendência a ser”¹⁴. O homem vive em um universo imenso e complexo onde não encontra respostas para todas suas dúvidas e questionamentos, na ânsia por explicações, encontrou-as no transcendente, na religião.

Essa seria uma das principais razões para procurarmos uma religião, obter respostas para nossas maiores dúvidas como diz Santayana, citado por Geertz:

...Seu poder consiste em sua mensagem especial e surpreendente e na direção que essa revelação dá à vida. As perspectivas que ela abre e os mistérios que propõe criam um novo mundo em que viver; e um novo mundo em que viver—quer esperemos ou não usufruí-lo totalmente— é justamente o que desejamos ao adotarmos uma religião.¹⁵

Somos seres incompletos e nos sentimos mais seguros ao termos explicações que apóiam nossa existência, nos dão amparo em momentos de angústia e consolo às tristezas. O homem se sente seguro ao acreditar que tem alguém que olha por ele.

Segundo Geertz a religião ajusta as ações humanas a uma ordem, um plano de vida e ao estabelecer a religião como um sistema cultural, define-a como:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.¹⁶

Dessa forma, estabelece modelos que refletem a realidade e ditam normas de comportamento aos homens, direcionando as atividades da sociedade. Por meio destes símbolos religiosos, ocorre a motivação, as pessoas se dispõem a determinadas ações e se sentem inclinadas a certos comportamentos e situações.

A religião tem grande influência no cotidiano social do grupo, um fato religioso pode trazer implicações cruciais à sociedade. A religião modela a ordem social e moral do grupo, não sendo apenas um componente de sua cultura. O valor

¹⁴ GEERTZ, 1978 apud SEEABER, Lílana Cláudia. Cultura: Lente pela qual se vê o mundo. Paraná: PUC, 2006, p. 33.

¹⁵ GEERTZ, 1978, p. 65.

¹⁶ GEERTZ, 1978, p. 67.

religioso se constitui nuclear e inspirador de seu sistema cultural, interferindo em seu modo de vida e sua história. Assim, não temos apenas a visão transcendente da religião, e sim buscamos entender as formas com que ela se efetiva em nossa realidade vivencial e concreta.

Geertz chama atenção para como os homens se submetem a estes entrelaçamentos simbólicos criados pelas religiões sem questionar, sem buscar a fundo esse processo de significação, criando a sua própria interpretação a religião lhe dá uma perspectiva própria de ver o mundo. No entanto, Geertz diz que é necessário descobrir como essa visão de mundo interfere no dia-a-dia das pessoas, em que medida suas atitudes são afetadas, como esse padrão de significados e símbolos se materializam em comportamentos.

1.2 A CULTURA EM NOSSA SOCIEDADE

1.2.1 A relação entre as culturas

Podemos dizer que cada povo tem uma cultura ou, que cada povo se manifesta culturalmente de maneiras diferentes. Ou seja, existe uma grande diversidade de culturas, assim como existem diferentes povos na terra.

Em meio a tanta diversidade, existem pontos comuns a todas, estes traços são chamados pelos antropólogos de **universais culturais**, alguns exemplos são: a unidade psíquica dos humanos, o uso da linguagem, a vida em grupo com partilha de alimentos, a exogamia e o tabu do incesto (com algumas exceções), o matrimônio, a divisão sexual do trabalho, a família e o etnocentrismo cultural.

Tendemos a utilizar a nossa cultura como parâmetro do que é certo ou errado ao observarmos ou entrarmos em contato com outra cultura. O maior problema do etnocentrismo é quando ele se manifesta por meio do preconceito e da intolerância ao diferente. O contrário do etnocentrismo é o que prega a antropologia, o relativismo cultural, que diz que devemos olhar para o outro a partir da sua cultura, levando em consideração os valores de seu grupo.

A partir do momento que entramos em contato com diferentes culturas e as analisamos, percebemos que nenhuma cultura é estática, assim como o mundo que

está em constante movimento, os fatos e acontecimentos, a história interfere nos traços culturais da sociedade, nas normas e valores daquele povo. Sofremos influências e mudanças constantemente, porque não vivemos isoladamente no mundo, os povos estão sempre em interação e os contatos culturais sempre existiram. Deste modo, percebemos o quanto a cultura pode ser híbrida, aberta e estar em constante transformação.

O tempo é um fator importante neste processo de constante transformação cultural da nossa sociedade. Podemos perceber facilmente esse processo observando o conflito entre gerações próximas, como o namoro na época de nossos pais – em que um beijo em público era proibido, e o namoro atual. Mas, ao mesmo tempo em que a cultura se transforma, ela também é transmitida de geração em geração, senão teríamos uma multidão de alienados que não se integrariam em nossa sociedade, por não partilhar de regras e costumes. A esse processo damos o nome de enculturação, seria o processo de ensino-aprendizagem da cultura, em que ela é passada aos novos membros do grupo.

Torna-se necessário entender esse processo, e não gerar atitudes de intolerância dentro do próprio grupo. Como diz Laraia:

Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir.¹⁷

Outro mecanismo de mudança cultural é a aculturação, mudança que ocorre a partir do contato entre duas ou mais culturas diferentes. Este contato pode gerar três efeitos segundo Panoff e Perrin¹⁸: A assimilação, a integração ou combinação de culturas e a coexistência de culturas ou subculturas.

A assimilação é o processo em que um grupo dominado incorpora a cultura dominante, a integração tem como resultado novas culturas em situação equivalente entre as mesmas e na subcultura, culturas dominantes e dominadas coexistem no mesmo espaço.

¹⁷ LARAIA, 1986, p. 101.

¹⁸ PANOFF, Michel e PERRIN, Michel. Dicionário de Etnologia. Lisboa: Edições 70, 1973, p.13.

Laraia cita o “Manifesto sobre Aculturação”, em que os autores afirmam “que qualquer sistema cultural está num processo contínuo de modificação”, estes se dão pelo contato, que estimula estas mudanças. Ele continua dizendo que existem dois tipos de mudança: a interna (que ocorre dentro do próprio sistema cultural) e a externa (resultante do contato de sistemas culturais diferentes). A primeira costuma se apresentar num ritmo mais lento, já a segunda se apresenta mais rapidamente, dependendo da forma como acontece, o autor cita o exemplo do índio brasileiro que sofreu um processo de aculturação traumático, o que não é o caso do processo de aculturação possibilitado pelos avanços tecnológicos, que ocorre de forma natural, não sendo muitas vezes percebido pela maioria da população, que passa a apresentar novas posturas e costumes de forma natural e as encaram naturalmente.

Hoje, mais do que nunca, o contato entre pessoas de culturas diferentes é comum, os processos de troca entre essas culturas são constantes, a estes damos o nome de transculturação. O Brasil, assim como todos os países da América Latina são exemplos de culturas onde os mais profundos processos de transculturação tenham ocorrido e ainda ocorrem, tudo isso transparece na multiculturalidade do povo brasileiro, com essa cultura rica e diversa.

Como diz Groppo¹⁹, citando Ianni com relação à cultura: “... perspectiva aberta pela idéia do contato, intercâmbio, permuta, aculturação, assimilação, hibridação, mestiçagem ou mais propriamente, transculturação”. Todos estes processos ocorrem o tempo todo em nossa sociedade, gerando novas formas de agir, pensar e ser.

Vimos que nossa sociedade não é homogênea, as culturas são constantemente marcadas pelo encontro e pelo conflito com outros traços e costumes alheios. No entanto, quando o contato entre diferentes culturas se dá de forma tranquila, havendo troca e respeito pelo diferente, chamamos este processo de interculturalidade, um processo baseado no respeito ao outro. Ao olharmos o outro, desprovido do etnocentrismo, sem estereótipos, nos permitimos o entendimento da dinâmica daquele grupo, suas crenças e processos de significações, dessa forma exercemos o relativismo cultural.

¹⁹ GROPPPO, Luis Antonio. Transculturação e Novas Utopias. Revista Lua Nova – Revista de cultura e política, 2005, p. 64.

Toda essa polissemia representa o quão múltiplos são as perspectivas de pesquisa neste campo do multiculturalismo, que não podem ser reduzidos e nem ignorados quando estudamos a cultura, cada detalhe deve ser minuciosamente explorado e respeitado.

1.2.2 Cultura e globalização

Com o avanço tecnológico, o aperfeiçoamento dos meios de comunicação de massa, a informação passou a ter acesso fácil, chegando a todos os cantos, com grande velocidade, criando um novo conceito cultural. Essa revolução tecnológica se concretizou com a criação da internet, a partir daí o acesso a diferentes culturas se tornou mais fácil. Este novo espaço de interação fez com que ao mesmo tempo em que temos diferentes nações no mundo, há um espaço comum a todos, o mundo globalizado, onde estas diferentes nações compartilham notícias e dividem ideias.

A internet ganhou força no Brasil a partir de 1995 quando vários provedores passaram a explorar essa infovia mundial, nela os usuários encontram uma infinidade de informações sobre diversos assuntos e áreas do conhecimento humano. Abriu-se assim, uma nova forma de comunicação e manifestações em geral, hoje podemos com facilidade montar e editar uma homepage ou um blog. Existem várias redes sociais disponíveis, onde várias pessoas de diferentes lugares estão em constante interação.

Toda esta interação proporcionada pelos avanços nas redes de comunicação abrange várias áreas da vida humana: social, política, econômica e cultural. Hoje, vemos a globalização sendo discutida principalmente devido ao seu impacto na economia mundial. Estudos envolvendo os aspectos sociais e culturais ainda são poucos. As previsões que foram feitas quanto aos avanços tecnológicos foram muito além da realidade que vivenciamos, e existe toda uma discussão envolvendo o quanto o global vem interferindo no local. A este respeito, afirma Bernard Miége²⁰: "... se o global se encontra mais ou menos no local, o local não se

²⁰ MIÉGE, 1999 apud BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. (Org.) Globalização e Regionalização das Comunicações. EDUC, Sergipe, 1999, p. 8.

reduz ao global, por mais pregnantes que sejam as 'influências' do global, elas estão longe de imprimir uma marca uniforme e uma orientação unívoca.”

Todas estas relações que envolvem a globalização, estão muito claras no conceito de globalização feito por Giddens, citado por Boaventura de Souza Santos²¹: ... “a intensificação das relações sociais mundiais que unem localidades distantes de tal modo que os acontecimentos locais são condicionados por eventos que acontecem a muitas milhas de distância e vice-versa.” O que podemos perceber é que houve uma mudança estrutural da esfera pública, vivemos uma reconstrução cultural desta esfera, em âmbito global. Mas, não podemos dizer que todos são atingidos por este processo, estas novas formas de comunicação também geram novas formas de exclusão e de dominação.

Há os que se preocupam quanto à má distribuição destes recursos, o que pode fazer com que alguns grupos fiquem isolados por não terem acesso a toda essa cyber-informação. E também, como essa informação pode ser disseminada, gerando uma padronização cultural, rompendo com as particularidades regionais, o que pode contribuir para o consumismo. No entanto, esse espaço é tão amplo, que tanto pode contribuir para unificação quanto para diversificação. Como dissemos antes, é difícil definir o quanto há de global ou local no mundo atual.

A globalização é vista muitas vezes como um processo inevitável, onde caminhamos no sentido da homogeneização cultural, onde as diferenças e características de cada nação vão ser superadas e unificadas, assim como vem ocorrendo com a política mundial, devido aos grandes avanços tecnológicos.

Se nossa sociedade se vê submetida a esta lógica de mercado e influenciada por essas regras que organizam o sistema, a globalização transformada em ideologia torna-se globalismo, imposição da unificação dos mercados e diferenças culturais. Será que nossa identidade está sendo modificada por este sistema? Somos submetidos a toda esta rede de informações e altamente influenciados por ela?

²¹ GIDDENS, 1990 apud SANTOS, Boaventura de Souza Santos. Os processos da globalização. Eurozine, 2002.

Otávio Ianni²² não concorda, ele afirma que “o globalismo tanto incomoda o nacionalismo como estimula o regionalismo”, a partir da divulgação proporcionada por essa infovia mundial, podemos valorizar a cultura local, utilizando este recurso a nosso favor. Pois, “desenvolve-se uma cultura popular de cunho direta e abertamente transnacional, no qual tudo o que é local ou nacional se recria como mundial, desterritorializado, virtual.” Ele continua afirmando que “são várias as implicações da globalização que afetam direta e indiretamente o âmbito da cultura e do imaginário”, mas são trocas, acréscimos e não simples substituição.

Como afirma Néstor Garcia Canclini²³, “a globalização unifica e interliga, mas também 'estaciona' de um modo diferente em cada cultura”. Não podemos dizer que todos foram afetados da mesma forma pelos avanços tecnológicos, mesmo porque eles não ocupam o mesmo espaço em todas as sociedades.

A realidade é que sempre há mudanças, as sociedades não permanecem estáticas, invioláveis e originais. O mundo está em movimento, a história nos impulsiona a novas conquistas e estabelecimento de relações, e a partir daí tudo se altera, acrescenta-se ou se modifica. E a partir deste momento, surge algo inevitavelmente novo e diferente, este é o movimento natural da vida. Como diz Octávio Ianni²⁴:

Uma cultura mundial não está ainda pronta e completa, e nunca o estará. Está sendo lentamente criada e continuará a ser criada indefinidamente. A sua criação não significa a eliminação da presente diversidade de culturas, já que ela não pode ser criada do nada. Ela se forma e espera-se que se desenvolva a partir das culturas nacionais, assim como as culturas nacionais formaram-se a partir das culturas mais velhas... As culturas nacionais são dinâmicas e é o seu contínuo crescimento criativo que promove a emergência e o crescimento de uma possível cultura mundial supranacional... A concepção de uma cultura mundial inclui tanto as realizações passadas como as potencialidades futuras...

É nesse movimento constante da história que acreditamos, forma e transforma a vida de cada um e de todos ao mesmo tempo. É essa riqueza de possibilidades que nos impulsiona a caminhar, sempre em busca de novidade, da criação e do melhor.

²² IANNI, 1999 apud BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. (Org.) Globalização e Regionalização das Comunicações. EDUC, Sergipe, 1999, p. 29.

²³ CANCLINI, Nestor Garcia. A Globalização Imaginada, São Paulo, Iluminuras, 2003, p. 168

²⁴ IANNI, Octávio. Transculturação. Associação Brasileira de Desenvolvimento de Lideranças, 1999, p.

1.2.3 Cultura Jovem

Para chegarmos à cultura jovem, precisamos caracterizar esta categoria. Quem é este jovem, esse sujeito social? Existem muitas pesquisas que buscam retratar o jovem na atualidade, mas a maioria relaciona o jovem às instituições das quais ele participa (família, escola, igreja), distanciando-se deste sujeito por trás dos papéis que desempenham nestas instituições.

Sabemos que a juventude é uma categoria construída culturalmente, e cada sociedade estabelece critérios que fixam os seus limites e estes estão vinculados a contextos sócio-históricos.

Caracterizar este jovem não é tarefa fácil, Reguillo²⁵ (2007) afirma: “... Ello representa una enorme complejidad que vuelve imposible articular un solo campo de representaciones porque el sentido está sempre siendo, armandose em um continuum simbólico que desvanece fronteras, margenes y limites.” Existe um movimento histórico constante em torno das representações do jovem, houve época em que as mulheres se casavam com doze anos e assim 'adentravam' a vida adulta, hoje isto é considerado absurdo, uma menina de doze anos é apenas uma criança. Ou seja, estes conceitos sofrem alterações no decorrer do tempo, e a simples demarcação de faixa etária, não basta para caracterizar o jovem.

Construir este significado implica considerar que não podemos nos prender a critérios rígidos, pois este processo está em constantemente movimento, englobando diversos aspectos da vida destes personagens na sociedade.

Reguillo diz que as expressões do jovem atualmente são os melhores descritores deste sujeito, como expõe neste trecho:

El vestuário, la música y ciertos objetos emblemáticos constituyen hoy una de las más importantes mediaciones para la construcción identitaria de los jóvenes, elementos que se ofrecen no solo como marcas bisibles de curtas adscripciones sino fundamentalmente como lo que los publicistas llaman com gran sentido 'un concepto, un estilo'. Un modo de entender el mundo y un mundo para cada necesidad, em la tensión – identificación – diferenciación. Efecto simbólico – no por ello menos real – de identificarse com los iguales y diferenciarse de los outros, especialmente del mundo adulto.²⁶

²⁵ REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: um campo de estudio; breve agenda para la discusión. Juventude e Contemporaneidade, Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007, p. 48.

²⁶ REGUILLO, 2007, p. 51.

O jovem hoje busca se destacar, tendo uma atitude algumas vezes vista de maneira pejorativa pela sociedade, que nem sempre entende estes simbolismos juvenis, que nem sempre é vista de maneira positiva. Existem imagens construídas socialmente a respeito da juventude que dificultam a compreensão desta categoria. Juarez Dayrell as define como: Transitoriedade – o jovem é visto como um 'vir a ser', tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido de suas ações. Romantismo – a juventude é vista como tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos. Juventude de crise – vista como uma fase difícil, dominada por conflitos de personalidade e auto-estima, gerando um distanciamento da família.

Será que este é o jovem, ou é apenas uma imagem construída em torno deste 'personagem'? Dayrell cita Peralva²⁷ que diz: “Juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação.” Temos que concordar que muitas vezes testemunhamos jovens que buscam transparecer uma imagem para a sociedade, mas quando analisados a fundo, não são exatamente o que parecem. Na busca pela própria identidade, fazem tentativas, assumindo comportamentos ditados pelo grupo, que não refletem suas ideias.

Mas, voltamos ao questionamento inicial deste texto: Quem é este sujeito? Citamos aqui duas definições que nos ajudarão a delinear este personagem, este sujeito social. Para estes autores, juventude seria:

Um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes, de algum modo, ao longo da vida. [...] Parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem, ela assume uma importância em si mesma.²⁸

Ser jovem hoje envolve uma grande diversidade de modos de ser, caracterizadas por vestuários, música e hábitos distintos. Este jovem vive num mundo tão vasto, tão cheio de recursos e novas formas relacionais, que o universo disponível a este jovem tomou outra dimensão, mais ampla e atrativa. Entender os significados que estes jovens atribuem a este mundo e compreender as teias relacionais que se estabelecem em torno deste sujeito, compondo seu estilo de vida

²⁷ PERALVA, 1997 apud DAYRELL, Juarez. O Jovem como sujeito social. Juventude e Contemporaneidade, Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007, p. 157

²⁸ DAYRELL, 2007, p. 158.

e influenciando seu comportamento é uma tarefa envolvente na qual nos debruçamos.

Atualmente, podemos dizer que esta 'fase' da vida humana se tornou muito elástica, devido à sociedade de consumo na qual vivemos, podemos dizer que a infância encolheu, e a juventude que agora se inicia com a pré-adolescência, pode chegar a beira dos trinta anos, quando muitos vão assumir o primeiro emprego, o que só vem a acontecer após a graduação, o mestrado e o doutorado. Toda esta ampliação se deu devido ao oportunismo do capitalismo que vê essa categoria com todo potencial de consumo que tem, alimentados pela sociedade midiática globalizada.

Há uma gama de informações e opções à disposição dos jovens, que eles passam a experimentar de tudo, a mudar de grupos e se transformar com grande frequência. Neste momento da vida, com as transformações que ocorrem em seu corpo e em sua mente, ele sai em busca de autoafirmação de sua personalidade, utilizando-se de sua aparência para se definir e buscar aprovação. Como diz Fabíola Angarten Felix²⁹:

Esse jovem é caracterizado pelo desejo de tudo sentir, tudo conhecer, tem uma curiosidade extrema e a certeza de que tudo está a seu alcance, de que está disposto e possibilitado a todas as coisas. Nada é definitivo para ele, tudo pode ser transformado de acordo com seus anseios e suas necessidades, portanto, tudo é acessível.

Esta é uma característica de um jovem que nasceu em um mundo globalizado, e se sente e podemos dizer que é um cidadão do mundo, com todas as facilidades que o progresso, a modernização, a informatização trouxe a ele. Mas, ao mesmo tempo, que este jovem ocupa o seu lugar, faz suas experimentações e dita 'moda', ele também se torna instrumento desta economia capitalista, que faz uso deste forte traço do jovem, que é a cultura do entretenimento, da diversão, do prazer e da busca da felicidade.

Este poder é potencializado pela capacidade que o jovem tem, como afirma Felix, de se transportar para os mais diferentes grupos, adotando diferentes estilos e convivendo com diversos grupos; no entanto, sem perceber obedecendo a um padrão midiático, que os envolve de maneira perspicaz, influenciando sua cultura e

²⁹ FELIX, Fabíola Angarten. Juventude e estilo de vida: cultura de consumo, lazer e mídia. Campinas: Unicamp, 2003, p. 31-32.

seu comportamento. E dessa forma, os jovens têm formas de representações individualizadas e padronizadas ao mesmo tempo, muitas vezes assumindo os moldes de uma cultura planetária.

2 JUVENTUDE E RELIGIÃO

2.1 O JOVEM CONTEMPORÂNEO

2.1.1 Definições de Juventude

No decorrer da história o termo 'juventude' já teve vários significados, já foi visto como categoria social, como defende Groppo³⁰, e também como uma das fases da vida humana. E estas assumem diferentes nuances dependendo do contexto cultural em que se situa. Chamada por muitos de fase intermediária, não podemos relegar a sua importância enquanto período de formação de identidade e tomada de atitude.

Há muitas controvérsias quando falamos de juventude, quando realmente esta fase se inicia? Qual a diferença entre ser adolescente e ser jovem? Neste trabalho lidaremos com adolescentes, por assim dizer, a partir dos 15 anos até jovens de 20 anos. Ou seja, um grupo que transita da adolescência (termo comumente utilizado pela psicologia) para a fase adulta.

Vejamos a definição dada por alguns autores a este termo:

Adolescência é um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento. Este processo atravessa três momentos fundamentais: o primeiro é o nascimento, o segundo surge ao final do primeiro ano com a eclosão da genitalidade, da dentição a linguagem, da posição de pé e da marcha; o terceiro momento aparece na adolescência.³¹

Adolescência é a idade da integração no universo social do adulto.³²

A adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive. A adolescência se inicia com as mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida seu crescimento e sua personalidade obtendo progressivamente sua independência econômica, além da integração em seu grupo social.³³

³⁰ GROPPPO, Luís Antonio. Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. DIFEL, Rio de Janeiro, 2000.p.7

³¹ ABERASTURY, A. Adolescência. Porto Alegre. Artes Médicas, 1980, p. 15

³² PIAGET, J; INHELDER, B. Da lógica da criança à lógica do adolescente: ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais. Trad.de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1976, p. 260

³³ TANNER apud EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. Adolesc Saúde. 2005; 2 (2): p.6-7

É clara a importância desta fase do desenvolvimento humano, reconhecida como crucial na formação dos jovens, em suas vidas, período de escolhas, repleta de momentos de dúvidas e inseguranças. Fase em que seus corpos passam por mudanças e os mesmos estão em plena formação da personalidade. Mas, estas não são transformações que ocorrem naturalmente e biologicamente sem interferência de fatores externos, muito pelo contrário é um período em que as influências sociais podem ter grande poder na formação do adolescente.

Tanner chama atenção para este fato e não especifica uma faixa etária, e sim atrela a adolescência a situações da vida, tendo total dependência do contexto cultural e social vivenciado. O que remete a definição dada por Groppo³⁴: “A juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos.”

Não podemos negar a interferência do social nesta definição, e como toda sociedade vive em constante mudança, o significado do termo “juventude” sofreu alterações no decorrer do tempo.

Guimarães e Grinspim³⁵ fazem uma retrospectiva do uso do termo no decorrer dos séculos, da qual destaco alguns pontos: Por volta do século V, os meninos de 16 anos eram inseridos em uma classe denominada ‘príncipes da juventude’. Nos séculos VI e VII, eram considerados na juventude, os jovens entre 22 e 30 anos, e somente com 40 anos os homens podiam ocupar cargos políticos, pois com esta idade que estavam livres dos perigos. Uma visão mais sociológica do termo surge no séc. XVIII, mas sem autonomia, baseada nos princípios recebidos dos adultos. Somente no século XIX surge o termo adolescência, para identificar o período após os 13 anos.

Vimos como a definição do termo se tornou interdependente do período histórico ao qual está atrelado. Hoje, a Organização Mundial da Saúde – OMS define os limites cronológicos da adolescência entre os 10 e 19 anos e a Organização das Nações Unidas – ONU entre os 15 e 24 anos, eles são chamados também de jovens adultos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do

³⁴ GROPPPO, 2000, p.7-8

³⁵ GUIMARÃES, Giselene Garia e GRISPIM, Miriam P.S.Z. Revisitando as origens do termo juventude: a diversidade que caracteriza a identidade. Anped.p. 1-3

Adolescente – ECA define a adolescência como o período entre os 12 e 18 anos. Ou seja, há uma grande divergência de dados e opiniões, mesmo na atualidade para definir estes termos, tanto quanto aos aspectos cronológicos, quanto sociológicos. Como reafirma GROPPPO³⁶:

A juventude como categoria social não apenas passou por várias metamorfoses na história da modernidade. Também é uma representação e uma situação social simbolizada e vivida com muita diversidade na realidade cotidiana, devido à sua combinação com outras situações sociais – como a de classe ou estrato social – e devido também às diferenças culturais, nacionais e de localidade, bem como às distinções de etnia e de gênero.

Podemos dizer que o período da adolescência hoje vem se prolongando, isso se deve às possibilidades que algumas famílias têm de manter seus filhos estudando por mais tempo. Ferreira³⁷ diz:

O aumento da escolaridade é responsável pela adolescência prolongada [...] os jovens de hoje permanecem mais tempo na escola, o que acentua o conceito de moratória psicossocial, pois o tempo disponível lhe permite experimentá-la de forma exaustiva nos longos anos de estudo.

Ao mesmo tempo, que a idade para entrada no mundo do trabalho se retarda, outras idades diminuem, a idade de acesso a tecnologia, ao voto, a vida sexual ativa,... Como diz Peralva³⁸, “são a estrutura e a composição dos atributos sociais da juventude, os modos de acesso à maturidade que se encontram modificados.” Essa promessa de eterna juventude, que também foi consequência dos avanços da medicina, que aumentaram a expectativa de vida do homem, também interferiu no mercado econômico que aumentou seu interesse neste público.

É lógico que esta não é uma realidade homogênea como já afirmamos, a sociedade atual é muito heterogênea, a diversidade social na atualidade é muito grande, ainda contamos com um grande número de pessoas que se vêem impossibilitadas de estudar e/ou dar continuidade a seus estudos, por terem que assumir responsabilidades familiares de sobrevivência muito cedo, tendo tolhida esta fase de transição, mudanças e tomadas de atitude.

³⁶ GROPPPO, 2000. p.15

³⁷ FERREIRA. Adolescência hoje: Uma abordagem sociológica. 1994, p.284

³⁸ PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. Juventude e contemporaneidade, 2007, p. 24

2.1.2 Características Gerais da Juventude

A adolescência, início da juventude é uma fase de grande importância no desenvolvimento do ser humano, pois é uma fase de incertezas, de descobertas e de busca por uma identidade.

Delinear as características deste período se torna um desafio diante da complexidade atribuída ao termo, que é associado ao termo adolescência e também a termos como jovialidade, mocidade e tantos outros que podem fazer referência a este período entre a infância e a fase adulta da humanidade.

Abordando os aspectos físicos, abordamos o desenvolvimento biológico humano, é com o início da adolescência que ocorre a puberdade, o processo de maturação sexual, período em que o corpo sofre as primeiras mudanças, as características de criança dão lugar às características do jovem adulto, já capaz de procriar.

Estes processos de maturação sexual se manifestam nas alterações provocadas pelo crescimento, a voz muda, há mudanças também nas funções glandulares e orgânicas. Estas mudanças tornam possível o fenômeno da reprodução. Nas meninas este período é marcado pela primeira menstruação ovulatória, conhecida como menarca, e nos meninos pela presença dos espermatozoides maduros no sêmem.

Este período é marcado por transformações profundas, de ordem física estrutural, o desenvolvimento físico sofre grandes alterações. E depende de sua maturidade fisiológica a aceitação da naturalidade sexual. As maturações biológicas geram o despertar da sexualidade juvenil.

A todas estas mudanças de ordem físicas somam-se as mudanças a nível emocional, que tanto interferem neste período de transição, egocentrismo, imaturidade, confusão, busca de reconhecimento e aceitação, ingenuidade dentre outras responsáveis pelas dificuldades encontradas por muitos adolescentes na formação de sua personalidade. Estas características sociais são bem mais complexas, envolve seus desejos e aspirações. E muitas vezes, o jovem tem dificuldades de lidar com tantas mudanças, dúvidas e incertezas.

É como discorre, Jean Piaget, grande estudioso do desenvolvimento humano: “Os fenômenos humanos são biológicos em suas raízes, sociais em seus fins e mentais em seus meios.”³⁹

Para ele, o adolescente-jovem se encontra na fase das operações abstratas ou formais, sendo capaz de resolver problemas complexos e compreender representações e conceitos abstratos. Nesta fase, o adolescente é capaz de refletir sobre o presente e o futuro, torna-se mais autônomo e capaz de interagir e se integrar ao universo adulto. Com o desenvolvimento da lógica formal, que se baseia na ressignificação dos símbolos, o adolescente passa formular hipóteses e testá-las em seu plano de idéias, avaliando várias possibilidades em sua mente.

Socialmente, o adolescente começa a formar grupos de convivência, partindo também para um convívio social mais amplo, buscando se inserir no universo adulto, por meio de suas ideologias. O idealismo e o espírito crítico, típicos desta fase, leva-os a atuar nesta sociedade, questionando-a. Isso se deve a todo processo de ressignificação sofrido pelo jovem. Como afirma, Hermans:

Aspectos como a maior autonomia de circulação social, mudanças no campo da autopercepção e auto-imagem, a adesão a novos grupos de pares, a adoção de novos papéis na família e no trabalho, as conquistas no plano da auto-regulação da atividade e a adoção de perspectivas projetivas quanto ao futuro são fatores que concorrem para a ressignificação da relação do adolescente com o grupo familiar e social, à medida que ele passa a integrar novas posições nos sistemas semióticos e, como consequência, a adotar novas confissões identitárias.⁴⁰

A natureza apaixonada do jovem já era observada desde a época de Aristóteles, que os acusava de impulsivos. Rousseau faz observação semelhante, identificando a fase como instável e cheia de conflitos. Vários psicanalistas a partir daí até os mais contemporâneos, identificam a adolescência como período de crise. Reduzir o adolescer a esta característica única é ignorar aspectos relevantes do desenvolvimento humano, que é tão complexo.

Erik Erickson ampliou esta análise abordando e interrelacionando as dimensões social, histórica e cultural, intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento do indivíduo, que afirma ser singular, diferindo de indivíduo para indivíduo, devido à reflexão passado-presente-futuro em que redefine sua personalidade e identidade.

³⁹ PIAGET, Jean apud MARRIOTTI, Humberto. As paixões do ego: Complexidade, Política e Solidariedade. 2000, p. 12.

⁴⁰ HERMANS, J.M. apud OLIVEIRA, Maria Claudia S.L. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. 2006, p. 432

O desenvolvimento psicológico humano é parte vital do seu desenvolvimento integral, envolvendo contextos interpessoais e socioinstitucionais específicos. Estes contextos interferem na formação do jovem, por meio dos significados, conceitos atribuídos pelo grupo à realidade vivida. Esta formação do eu, da identidade desse jovem se dá na relação com o outro e com a cultura que regula esta relação. A construção da identidade é processo contínuo e aberto, como salientam McAdams e Marshall⁴¹: “o processo de formação da identidade é influenciado por processos do tipo dialético, que envolvem incompatibilidade, inconsistência e conflito, seguidos de síntese e/ou resolução”.

As dúvidas e questionamentos que povoam o imaginário do jovem são determinantes em sua trajetória, e os levam algumas vezes, a sentirem-se isolados e ignorados na sociedade. Buscar um padrão estável em meio a esta turbulência, estabelecendo suas crenças, sua identidade, é um desafio para o jovem.

Todas essas mudanças, de ordem biológica, psicológica e social, são influenciadas pela cultura na qual o jovem está inserido, e são nas relações sociais estabelecidas por ele, que vão se formando suas idéias, opiniões e sua identidade. Esta ampliação das experiências sociais, junto à maturação biológica proporciona um grande desenvolvimento do self, assim o jovem passa a estruturar um plano de vida, colocando alguns ideais subordinados a outros, divergindo também dos valores estabelecidos pelos adultos, criando sua própria escala. Os jovens tendem a querer reformar a sociedade atual, pois ao integrar-se nela quer transformá-la no que julga ser o ideal, de acordo com sua escala de valores.

São nos conflitos gerados das crises típicas dessa fase, que os novos valores são formados. Estes estão essencialmente ligados à busca de um novo sentido para sua vida.

Segundo Piaget, essas atitudes são características do jovem, que alcançou essa capacidade por meio da maturação de suas estruturas mentais, como afirma:

A integração do adolescente na sociedade dos adultos supõe certamente alguns instrumentos intelectuais e afetivos, cuja elaboração espontânea é exatamente o que distingue a adolescência da infância. [...] O adolescente é o indivíduo que, embora diante de situações vividas e reais, se volta para a consideração de possibilidades. [...] ao contrário do que ocorre com a criança, é o indivíduo que começa a construir sistemas e teorias. [...] do ponto de vista funcional, tais sistemas apresentam a significação essencial

⁴¹ McAdams, G.R. & Marshall, S.K. 1996 apud OLIVEIRA, 2006, p. 431

de permitir ao adolescente sua integração moral e intelectual na sociedade dos adultos, e isso sem mencionar seu programa de vida e seus projetos de reforma. [...] O adolescente constrói suas teorias, ou adota, reconstruindo-as, as que lhe são apresentadas. [...] para ele é indispensável chegar a uma concepção das coisas que lhe dê a possibilidade de afirmar-se e criar [...] e lhe garanta, ao mesmo tempo, que terá mais êxito que seus antecessores [...]⁴²

Esta capacidade reflexiva influencia o desenvolvimento comportamental do jovem na sociedade, gerando alguns conflitos.

Desse modo, a formação da identidade juvenil, depende de uma boa socialização, que deve ser proporcionada e apoiada, pela família, escola, igreja e a própria sociedade de maneira geral.

2.1.3 O jovem no cenário contemporâneo

A sociedade contemporânea está marcada por uma ideia que relacionamos a modernidade: a descontinuidade, tão natural nos tempos atuais, vivemos em um processo contínuo de transformação, revoluções, crises econômicas e culturais. Giddens chama atenção para essa realidade, ao afirmar:

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira sem precedentes. Tanto em sua extensividade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudanças característicos dos períodos precedentes.⁴³

Nesta sociedade que se vê construída pela ação humana, tudo que é produzido é transformado em um sistema de signos e relações sociais, interferindo na constituição do eu, afetando seu desenvolvimento biológico e emocional. A partir de ações intencionais, geridas por processos cognitivos e culturais torna-se possível a manutenção ou transformação social.

Vivemos em uma era moderna, e características atribuídas a esta era, como: capacidade de auto-renovação frequente, rebeldia, irreverência, são valores também atribuídos à juventude, ao jovem contemporâneo, que tem grande interesse em novidades, é espontâneo, ousado, gosta de exclusividade, é atraído pela diferença,

⁴² PIAGET, Jean e INHELDER, B. Da lógica da criança à lógica do adolescente. São Paulo, 1976, p. 252.

⁴³ GIDDENS, Anthony, 1992 apud GROppo, 2000, p. 31

dentre muitas outras características deste tempo, que algumas vezes parece nos atropelar.

Essa sociedade, que vivencia processos de transformações contínuos, é resultante do que seria a racionalização das esferas da vida: a autonomização das esferas sociais, a burocratização das atividades humanas e o desencantamento do mundo. Estas transformações impactam a vida do jovem, que se vê em meio a todos os processos, estando ele próprio também em processo de transformação.

Sob o ponto de vista das ciências modernas, este ser jovem, está apto a desordens, a comportamentos autodestrutivos, e cabe às instituições a socialização deste indivíduo, a contenção de suas energias desordenadas direcionando-as para fins de incremento desta sociedade.

Hoje, a juventude enfrenta situações diferentes ao ingressar no universo adulto. O jovem contemporâneo se prepara para a entrada em uma sociedade pluralista, diferente do jovem das sociedades históricas, que possuíam critérios mais particulares, regidos ainda por laços de parentesco, onde a família desempenhava papel mais relevante. Dessa forma, o jovem não tinha que tomar decisões muito relevantes em sua vida, pois o seu curso já estava pré-determinado pela família e sociedade.

Já na sociedade moderna, a consciência do tempo, da importância que ele tem para determinação do futuro do jovem é mais intensa, pois cabe a ele decidir que caminhos tomar, pois houve uma grande ampliação de perspectivas, de possibilidades e de cenários nos quais podem se situar suas escolhas.

Neste sentido Melucci⁴⁴ afirma:

O adolescente percebe os efeitos dessa ampliação de possibilidades da maneira mais direta pela expansão dos campos cognitivo e emocional (tudo pode ser conhecido, tudo pode ser mudado); a reversibilidade de escolhas e decisões (tudo se pode mudar); a substituição de constructos simbólicos pelo conteúdo material da experiência (tudo pode ser imaginado).

Nas sociedades históricas, a vida do jovem é limitada, a convivência em grupos etários facilitava a passagem para a vida adulta, pois lhe possibilitavam o exercício de relações com outros indivíduos e de participação plena em outras esferas sociais. O jovem contemporâneo não tem essa facilidade, uma vez que os

⁴⁴ MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. Juventude e Contemporaneidade, 2007, p. 36.

grupos etários modernos não são geridos pela sociedade adulta, são grupos independentes e espontâneos.

Gropo⁴⁵ identifica os três tipos de grupos etários presentes nas sociedades modernas: o sistema escolar educacional, agências juvenis mantidas por adultos e os grupos juvenis espontâneos. O autor diz que as dificuldades que os grupos juvenis encontram para construírem funções sociais realmente integradas ao universo adulto, dificultam ainda mais essa transição, o que ocorre devido aos critérios universalistas, de desempenho e especialização.

A escola é reconhecida como instância preparadora do indivíduo para atuação nesta sociedade, tarefa que não pode e não deve ser assumida pela família. Mas, apesar de a escola ter sido criada com este fim, se mostrou insuficiente para o atendimento das necessidades de sua clientela, o que levou ao surgimento de grupos etários que se identificavam e passavam pelos mesmos problemas. Como dissemos anteriormente, inicialmente estes grupos eram mantidos por organizações de adultos. Posteriormente, surgiram os grupos espontâneos e informais, no entanto, estes grupos não atribuíram ao jovem, *status* algum na vida adulta da sociedade.

Estes grupos muitas vezes são discriminados pela sociedade, por não se ajustarem aos padrões pré-estabelecidos:

A criança desajustada que no final da idade escolar se encontra inadaptada dirige-se, espontaneamente, para as gangues.
Os jovens anormais costumam reunir-se em comunidades de adolescentes. Tais comunidades tentam viver à margem da sociedade.⁴⁶

Percebe-se assim, uma desarmonia entre as orientações de valor destes grupos juvenis e as da sociedade como um todo. O que se deve à intensa complexidade da sociedade moderna, onde já não existem canais claros para a transição da família para a sociedade global, o que acentua as inseguranças e incertezas do jovem nesta fase, podendo levá-los a segregação. Isolados em grupos informais, eles tendem a se arriscar em busca de suas aspirações, sem medo de grandes frustrações perante a esfera social adulta. Na segregação, eles têm mais tempo, para atingir aos poucos, a maturação de sua personalidade,

⁴⁵ GROppo, 2000. p. 43

⁴⁶ OLIVENSTEIN, Claude. 1980 apud GROppo, 2000, p. 67

sentindo-se mais seguros para enfrentar a excessiva especialização e orientações de desempenho exigidas pelas sociedades modernas.

Essa pluralidade de possibilidades levou o jovem a se arriscar mais, experimentar diferentes grupos e redes sociais, entrando e saindo com rapidez, investindo pouco tempo em cada uma delas. Esse ritmo acelerado, a grande quantidade de informação com que tem contato, a falta de limite, o lazer e o tempo de consumo, trazem mensagens e significados para a formação da personalidade deste jovem, de maneira desequilibrada, gerando ainda mais incertezas.

E diante destas mensagens os jovens são vistos como problemáticos e desajustados, daí surgem vários questionamentos sobre a causa dos problemas da juventude moderna, seria a sociedade responsável pelos 'desvios' da juventude, ou este comportamento seria consequência dos fenômenos políticos, econômicos e sociais que o condicionam? Esta crise se dá quando não há um processo reflexivo e receptivo a este jovem, que realmente se sente só, diferente, isolado.

Mas, a modernidade também trouxe em seu bojo um aspecto positivo a esta transição, a este grupo. Pois, a sociedade passou a conceber a juventude como um direito humano reconhecido, assim como a infância. Tanto a criança passou a ter seus direitos reconhecidos, como todos passamos a ter o direito de ser jovem, adolescente e passar por crises. Isso se deve ao fato da modernidade trazer esse discurso formal de justiça, de igualdade, mesmo que em seu imaginário. Na realidade, o que se dá é um sistema de classes estratificado, que cria e reproduz a desigualdade social.

Toda a discrepância na distribuição dos papéis em nossa sociedade acabou gerando um grupo identitário particular e muitas vezes segregado, que passou a ser alvo de controle por meio de suas potencialidades. Este poder passou a ser exercido pelas políticas de mercado, pela mídia, pelo lazer e pela cultura de massa.

No entanto, quais são as condicionantes deste jovem, o que é determinante em sua vida?

2.2 A RELIGIOSIDADE DO JOVEM

2.2.1 Religião e religiosidade: Conceitos e definições.

Em tempos pós-modernos, onde se fortalecem as pluralidades, as rupturas, as certezas da racionalidade dão lugar a questionamentos, dúvidas, em um período em que já não mais existem certezas absolutas. E essas transformações também afetaram a religião, uma vez que afetaram a vida das pessoas, seus hábitos e conseqüentemente seus valores. As condições materiais dos indivíduos condicionam a forma como vêem o mundo e suas ações diante das situações da vida. Estes movimentos vieram a consolidar uma sociedade urbano-industrial, que veio remodelar as instituições sociais, transformando as relações sociais e o indivíduo passou a se sentir projetado para a cena principal, sentindo-se impelido a redefinir seu modo de ser, de pensar e agir diante das tradições familiares e religiosas.

Esta época dominada pelo consumismo, onde o individualismo impera e o ser humano passa a ser visto como "... a origem, o centro e o termo final da religião. O que era efeito será causa, e a causa será efeito. Deus é um produto humano, porque é condição humana que dá origem à religião."⁴⁷

A sociedade que surge a partir dessas transformações trás consigo um cenário múltiplo, diverso e instável, e por isso mesmo, menos rígido e mais complexo. E nesse processo a cultura da sociedade se estabelece e a religião faz parte destes traços identitários da sociedade. E ao contrário do que muitos acreditam, a religiosidade entre os jovens tomou força, com um dinamismo diferente.

Vimos como a religião e a cultura estão intrinsecamente ligadas. Abordamos, a forma como alguns autores conceituam a religião em capítulos anteriores e neste momento apresentaremos alguns conceitos importantes a nossa pesquisa:

Greuel⁴⁸ afirma que:

Rudolf Otto entende que a religião se cria na experiência do ser humano com o sagrado. Para ele, o sagrado é uma categoria que demonstra a manifestação do numem, o poder divino. A essência de qualquer religião é a experiência de uma realidade outra, um outro absoluto, completamente diferente de qualquer experiência humana. Este fenômeno se constitui em uma realidade absolutamente diferente da natural, cujas características são de um 'mysterium tremendum.

⁴⁷ CASTIÑEIRA, Angel apud GREUEL, Sigolf. Religião e religiosidade na pós-modernidade. EST/IEPG, 2008. p. 24

⁴⁸ GREUEL, 2008. p. 25

Ou seja, a religiosidade seria a forma como o ser humano vivencia o numinoso em sua vida, um numinoso que ao mesmo tempo em que o fascina, também o assusta. Já Bauman⁴⁹, diz que a religião “...é o nome que damos à atividade que nos permite sentir que estamos em contato com esse mundo numênico além de nós próprios, que indubitavelmente é um mundo da imaginação, da fantasia projetada e da sensibilidade do espírito inconsciente.”

Otto Maduro⁵⁰ define religião como:

Uma estrutura de discursos e práticas comuns a um grupo social referentes a algumas forças (personificadas ou não, múltiplas ou unificadas) tidas pelos crentes como anteriores ou superiores ao seu ambiente natural e social, frente às quais os crentes expressam certa dependência (criados, governados, protegidos, ameaçados, etc.) e diante das quais se consideram obrigados a um certo comportamento em sociedade com seus ‘semelhantes’ [...] Consideramos, então qualquer fenômeno social (discurso, rito, conflito, etc.) como religioso na medida, e somente na medida, em que tenha sido produzido no seio de um tal conjunto de práticas e discursos, e conserve – implícita ou explicitamente, uma referência afirmativa discernível a tais forças ‘sobrenaturais’ e ‘sobrehumanas’.

Esta relação com o sagrado se alicerça no poder creditado aos seres sagrados que contrasta com a incapacidade e limitações humanas. E assim se estabelecem as diferenças entre o profano-comum à humanidade, e o sagrado – a perfeição e poder que se deseja alcançar.

Fica claro, que em nossa sociedade a religião está relacionada à definição de comportamentos e valores. Como também afirma Bordieu⁵¹:

A religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos.

Berger⁵² também destacou a religião como produto e também produtora da realidade social:

As legitimações religiosas nascem da atividade humana, mas uma vez cristalizada em complexos significados que se tornam parte de uma tradição religiosa, podem atingir um certo grau de autonomia em relação a essa atividade. De fato, podem em seguida retroagir nas ações de cada dia, transformando essas últimas, por vezes radicalmente.

⁴⁹ ZYGMUNT, Bauman apud GREUEL, 2008. p. 24

⁵⁰ MADURO, Otto. Religião e luta de classes. Petrópolis. Vozes, 1983

⁵¹ BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 5ª Ed. São Paulo:Perspectiva, 2004. p. 33

⁵² BERGER, P.L. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulos, 1985. p. 55.

Ao mesmo tempo em que a sociedade culturalmente estabelece crenças, hábitos e ritos religiosos, estes também são moldados e formados pelos indivíduos e pela realidade social. Como afirma Vygotsky⁵³:

As características tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo, nem são mero resultado das pressões do meio externo. Elas resultam da interação dialética do homem e seu meio sócio cultural. Ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para entender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo.

Dessa forma, a experiência religiosa ou religiosidade é vivenciada de diversas formas, despertando muitas vezes sentimentos dúbios e contrastantes: confiança, medo, respeito, dependência. E, são vivenciados por meio de cultos, rituais, festas, reuniões, ..., onde se sentem mais próximos de seu transcendente.

A complexidade deste processo, modificado o tempo todo pelos homens e mulheres que o vivenciam, é consequência de idéias, necessidades, aspirações, sentimentos e emoções diante dos fatos da vida, que geram medo, inseguranças, resistências e passividade. Nesta sociedade as religiões e religiosidades produzem e garantem um ethos significativo a cada indivíduo ou grupo. E esta religiosidade, entendida como o modo como cada um manifesta sua fé, sua crença ou medo ou respeito ao numinoso, dá sentido a sua existência e equilíbrio para enfrentar as controvérsias da vida.

2.2.2 Os jovens diante dos processos de secularização: O desencantamento e a busca de sentido.

Dentre as transformações trazidas pela modernidade à nossa sociedade, a secularização é uma das mais discutidas pelos estudiosos da sociologia. Weber atribui ao processo de racionalização das esferas da vida o sentido da modernização que traz em seu bojo a autonomia das esferas sociais, a burocratização das atividades humanas e o desencantamento do mundo, em que se busca explicações racionais para as dúvidas humanas, abandonando as

⁵³ REGO, Tereza Cristina. Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 41.

concepções mágicas sobre a vida. Neste período acreditava-se que a racionalidade levaria a uma modernização da sociedade como um todo: cultura, relações sociais, econômicas e políticas. Surge o primado da razão, da ciência e da técnica, o ser humano toma as rédeas da história e se coloca como sujeito da situação, só o que pode ser experimentado, comprovado e mensurado é considerado verdadeiro. A sociedade vive um demasiado avanço industrial, e a tecnologia passa a fazer parte da vida de todos, quebrando conceitos de tempo e distância. Entretanto, todos estes avanços não resolvem os problemas da humanidade e os leva a uma fluidez de valores, em que nada tem sentido. A pós-modernidade surge nesse cenário: a insatisfação com os preceitos iluministas que não deram fim às mazelas da humanidade. E dá adeus às ilusões criadas pelo cristianismo e também pelo iluminismo, um mundo sem conceitos universais e absolutos.

A secularização afetou todas as esferas da sociedade, inclusive a esfera econômica, que se tornou mais prática, mais fria em decorrência de mudanças ideológicas. O racionalismo trouxe consigo o individualismo e uma vivência diferenciada de liberdade.

Vale revermos aqui o conceito de modernidade trazido por Azevedo que cita Os Guinness:

Modernidade é uma terminologia que define um sistema oriundo das forças da modernização e desenvolvimento, centrado, sobretudo na premissa que toda causa de cima para baixo vinda de Deus ou do sobrenatural foi substituída definitivamente por causas de baixo para cima, frutos dos desígnios e produtividade humana.⁵⁴

Guinness coloca de forma clara a visão que o homem passa a ter do mundo que o cerca e do quanto suas ações passam a ter relevância neste processo. Essa mudança de perspectiva afeta a sociedade como um todo, em sua estrutura social, política e religiosa. Este fato se deve a confiança que o homem passa a ter na ciência e na tecnologia, acreditando em um desenvolvimento baseado na razão como produtora do bem estar humano. Neste processo Deus deixa de ser o responsável pelas mazelas da humanidade e o ser humano se torna ativo e responsável pelo seu futuro e isto significa uma libertação, como afirmou o filósofo

⁵⁴ GUINNES, Os & SEEL, John apud AZEVEDO, Marcos Antonio Farias de Azevedo. Uma breve abordagem sócio-cultural, antropológica e religiosa na modernidade. In Reflexus – Ano III – nº 03 (2009.1) – Vitória: Editora Unida, 2009. p. 16

grego Protágoras “o homem é a medida de todas as coisas, da existência das que existem e da não existência das que não existem”⁵⁵. Esta autonomia e liberdade faz com que haja uma descontinuidade nos modos de viver e nos valores desta sociedade, o que gera uma instabilidade social.

A cultura desta nova sociedade transformou a noção de espaço que se tinha até então, como diz Azevedo: “O espaço agora é construído. No lugar do espaço sagrado, ele é secularizado ou ressacralizado, numa dimensão privatizada e fragmentada”. Esta fragmentação se reflete nos valores que regem a vida do indivíduo e seu universo simbólico, a religião que regia os demais setores, agora se encontra no mesmo patamar das demais esferas: política, econômica, etc.

Esta mudança antropológica trazida pela modernidade afetou seriamente a dimensão religiosa do homem, o que é fruto da centralização da razão. Como afirma novamente Azevedo, agora citando Libâneo, ocorre um...

...esvaziamento do sentido religioso, pois na linguagem de Libâneo, a modernidade destronou a religião. Uma vez que a religião ‘é a força integradora das relações humanas, o Iluminismo afetou todos os sistemas simbólicos religiosos, fundamentais como marco de sentido à vida em todas as suas dimensões.’⁵⁶

Esta sociedade tem como característica principal a superficialidade, as relações agora são mediadas e não necessita mais de contatos pessoais, com isso se tornaram também mais superficiais, há uma fragmentação das relações e dos valores; e instalou-se a cultura do simulacro, a simulação tomou conta do cotidiano das pessoas e a determinação para se tornar, se formar, deixou de ter relevância, o que importa é ‘parecer’. Como relata GREUEL⁵⁷:

A cultura da pós-modernidade produziu um cotidiano que pode ser identificado pelo descartável. Em tese, tudo passa a ser descartável. Não somente os objetos e a informação, mas também o sujeito, sem identidade, dessubstancializado, torna-se alguém descartável. Como resultado, passamos a viver em uma sociedade formada por pessoas com personalidades descartáveis.

Nesta cultura, o individualismo toma conta de todos, e de forma exacerbada leva a despolitização, e a preocupação com a coisa pública deixa de existir, não há uma mobilização pelo bem comum, cada um se preocupa consigo. E esse

⁵⁵ SÓCRATES apud Platão. Diálogos: Teeteto e Cratilo. 3ª Ed. Belém: Editora Universitária da UFPA, 2001.

⁵⁶ AZEVEDO, 2009. p. 24

⁵⁷ GREUEL, Sigolf. 2008 p. 16.

individualismo afeta as relações sociais, pois o que prevalece é sempre a satisfação pessoal, e as relações abertas e descompromissadas passam a ser mais interessantes para todos. Toda esta fluidez que se estabelece nas relações, no amor, na economia, na religiosidade é fruto do que Weber chamou de desencantamento do mundo, este processo pelo qual a religiosidade deixa de ter credibilidade quanto às respostas das inquietações dos homens e este poder passa a ser atribuído à ciência.

Mas, como já dissemos a ciência não conseguiu responder todos os questionamentos humanos, e ainda sacudiu as certezas que tinham baseadas na religião. Com isso, Libâneo defende que “quanto mais a sociedade moderna com sua pressão ateia reprime a dimensão religiosa do ser humano, tanto mais esta reage com virulência”.⁵⁸ Este autor, assim como Peter Berger acredita que está em curso uma ‘dessecularização’, ambos acreditam que ao mesmo tempo em que a modernização gera formas de secularização, também leva a movimentos contrários. Isso resulta do fato de que “viver na dúvida é uma situação penosa para muitos e por isso um certo número de organizações, que prometem fornecer ou restabelecer as certezas, têm mercado aberto”, como diz Berger⁵⁹.

Além de não responder aos questionamentos da humanidade a tecnologia e a ciência da modernidade se materializou em conflitos mundiais, bombas atômicas, terrorismo. O que só contribui para a perda de crença na ciência, gerando inseguranças e a necessidade de se buscar uma existência mais satisfatória.

Vários autores discutem a ‘des’ ou a ‘secularização’ do mundo, não há um consenso geral, Renato Ortiz⁶⁰ afirma que a modernização não levou ao desaparecimento da religião, ela sim, perdeu força. Podemos dizer que o lugar hegemônico que ocupava em nossa sociedade foi reorganizado. A religião sofreu uma privatização de sentido nas sociedades mundializadas. Para Ortiz o termo ‘religiosidade’ especifica “uma expressão religiosa mais individualizada, distante da ideia restrita de religião.”⁶¹

No entanto, em algumas sociedades ou estratos sociais a vigência da secularização é inegável, isso se deve a liberdade individual alcançada nos tempos

⁵⁸ LIBANIO, J. B. apud RIBEIRO, Jorge Claudio. *Religiosidade Jovem*. São Paulo: Olho D’Água, 2009. p. 76

⁵⁹ BERGER, P. apud RIBEIRO, 2009. p. 76

⁶⁰ ORTIZ, R. apud RIBEIRO, 2009. p. 78

⁶¹ ORTIZ, R. apud RIBEIRO, 2009. p. 78

modernos e pós-modernos. Hoje, temos liberdade para 'experimental' diversas religiões (se é que assim podemos chamar...), crer em alguns símbolos sem necessariamente pertencer a nenhuma religião.

2.2.3 A identidade religiosa dos jovens

O jovem vivencia sua religiosidade de acordo com a cultura moderna, mais ampla e desprendida, esse processo pode ser muito heterogêneo, assim como é a sociedade atual. Produto de uma subcultura mundializada e secularizada, os jovens são os menos atingidos pelas constantes mudanças de paradigmas da atualidade, uma vez que já nasceu e cresceu nesta sociedade plural e instável. Neste contexto, o homem busca se afirmar, marcar sua autonomia, sendo sujeito de sua história. No entanto, este homem moderno constrói sua identidade em função do poder econômico, essencialmente individualista; o ter se torna preponderante em sua vida, atribuindo-lhe valor a partir dos seus bens, uma vida pautada no consumismo. Desse modo, o individualismo rege a vida do homem moderno, como afirma Azevedo⁶²: "Com uma sociedade fragmentada, setorizada, sem referenciais globais, sejam religiosos ou não, o homem moderno alimenta-se de seu famigerado individualismo."

Esta 'sacralização do eu', decorrente da dessacralização do mundo e da supremacia da razão, leva a concepção de um sujeito uno e autônomo, porém esta autonomia muitas vezes é ilusória, e o sujeito se vê dominado por uma sociedade do consumo, que não potencializa seu interior, e sim se concentra na manutenção de uma imagem, e o homem se distingue dos demais pelo status que ocupa nesta sociedade, sua posição social. A dinâmica da sociedade passou a ser direcionada pelo dinheiro, o que trouxe mudanças radicais para os indivíduos. Ao mesmo tempo em que o homem julga ter liberdade sobre seu destino, se vê manipulado pela economia, vivendo uma racionalidade cerceada de liberdade, sem potencialização do seu interior. Como discorre Ribeiro:

O dinheiro impõe o nivelamento, que deixa apenas resíduos da individualidade das pessoas e das coisas. Com dinheiro no bolso, o sujeito

⁶² AZEVEDO, Marcos Antonio Farias de Azevedo. Uma breve abordagem sócio-cultural, antropológica e religiosa na modernidade. In Reflexus – Ano III – nº 03 (2009.1) – Vitória: Editora Unida, 2009. p. 29

desfruta de uma liberdade sem conteúdo da vida. [...] – ao mesmo tempo - a posse do dinheiro oferece paz e unificação para as contradições do mundo, o que 'corresponde psicologicamente àquele sentimento que o devoto encontra em seu Deus'.⁶³

Dessa forma, vive-se uma época caracterizada pela 'imanência secular', afirma Azevedo com base em Renaut⁶⁴, segundo a qual o significado dos fenômenos e a 'verdade' de cada um não referiam a qualquer ordenação prévia, entretanto lhes era imanente, captável no imediatismo das aparências.

Neste movimento, a religiosidade passa a ser pressionada a responder novas necessidades, tomando o lugar que antes era ocupado por uma 'força' maior, as instituições. Este sagrado, é difuso e maleável, podendo ocupar diferentes espaços e se apresentar de diversas formas. Bastide retrata esta situação no seguinte trecho:

Está em curso um experimento inédito, cujos ingredientes são a 'morte de Deus' e o poder diminuído das religiões, somados à ênfase no sagrado e na religiosidade, entendida como fonte de unificação e de força. A novidade repousa no fato de que agora, talvez como nunca na História, a experiência religiosa se desloca do âmbito institucional. As religiões, antes ajustadas às variações infinitesimais da vida profana, são hoje afrontadas por temporalidades rápidas.⁶⁵

E deste modo, o jovem se vê envolto por múltiplas formas de expressões religiosas, que lhe dão espaço para experimentar e, portanto se sente mais autônomo. Assim sendo, sua experiência religiosa vai sendo construída a partir do repertório simbólico que lhe apresentam pelas diversas religiões. E o jovem a partir deste repertório, vivencia sua religiosidade, seu encontro com o sagrado, ou podemos dizer, forma sua identidade.

O filósofo Georg Simmel (1858-1918) traz grande contribuição ao entendimento da religiosidade contemporânea, ele conceitua a religiosidade como 'uma qualidade da alma'. Em seus estudos aborda a vida, a alma, o universo e Deus, buscando compreender a forma pela qual o homem lhe atribui sentido. Sentido este que toma forma no grupo social do qual faz parte, por meio das interações e cooperações que se estabelecem. Como Durkheim, acredita que a

⁶³ RIBEIRO, 2009, p. 44.

⁶⁴ RENAUT, Alain apud AZEVEDO, Marcos Antonio Farias de Azevedo. Uma breve abordagem sócio-cultural, antropológica e religiosa na modernidade. In Reflexus – Ano III – nº 03 (2009.1) – Vitória: Editora Unida, 2009. p. 35

⁶⁵ BASTIDE, Roger apud RIBEIRO, 2009. p. 61

religião está presente na sociedade, pois é inerente a ela. “Quando os homens estão reunidos em comum, dessa reunião surgem forças excepcionalmente intensas que os dominam e exaltam”.⁶⁶ A partir destes movimentos que surgem no interior das relações sociais, que se estabelecem os valores da sociedade e por consequência dos indivíduos, valores que podem levar a uma religião estruturada ou se mostrar enquanto fé. Para ele, a fé se estabelece na aferição de sentido e fontes de energia atribuídas aos objetos religiosos por quem acredita neles.

Como já vimos, a religião na modernidade ainda se ancora na premente necessidade do homem por respostas e certezas, o homem anseia por totalidade, por entendimento para compreensão da realidade como um todo. Simmel expressa esse paradigma da seguinte forma: “De um lado, as formas que ligam a vida religiosa a uma série de objetos não satisfazem mais. De outro lado, o anseio religioso não foi liquidado, mas procura caminhos e objetivos diferentes.”⁶⁷ Esta também é uma necessidade do jovem que se encontra numa fase de insegurança, de transição entre a infância e a vida de responsabilidades que o espera. Neste intervalo a vivência religiosa pode ser uma motivação em sua vida.

Assim, percebemos que a religiosidade supre uma necessidade que a religião em si, não mais satisfaz.

O filósofo descreve a religiosidade como uma disposição irredutível e fundamental da alma, uma invariante da existência humana; uma energia sem conteúdo prévio que confere cor e grandeza aos altos e baixos da vida, num relacionamento espiritual contínuo em relação ao conjunto da existência pelo qual esta se conforma ao destino interno da alma.⁶⁸

A religiosidade é um ser particular, uma qualidade funcional da humanidade, por assim dizer, que determina inteiramente alguns indivíduos, mas existe apenas rudimentarmente em outros. Esse traço fundamental leva habitualmente ao desenvolvimento de artigos de fé e à adoção de uma realidade transcendental, mas isso não está necessária ou indissolivelmente ligado à natureza e à inclinação religiosa do homem... uma pessoa religiosa é sempre religiosa, mesmo que acredite, ou não em Deus.⁶⁹

A religiosidade é entendida como inerente ao homem e guia suas decisões e caminhos, mesmo sem que o mesmo tenha consciência disso. E se manifesta por meio da fé, confiança que surge nas relações que se estabelecem na vida. Este

⁶⁶ DURKHEIM, Émile. Le sentiment religieux à l'heure actuelle, apud RIBEIRO, 2009. p. 39

⁶⁷ SIMMEL, Georg apud RIBEIRO, 2009. p. 49

⁶⁸ RIBEIRO, 2009. p. 50

⁶⁹ SIMMEL, Georg apud RIBEIRO, 2009. p. 51

sentimento e atitude 'humana' se fazem necessários para o estabelecimento de sentido ao mundo que o rodeia.

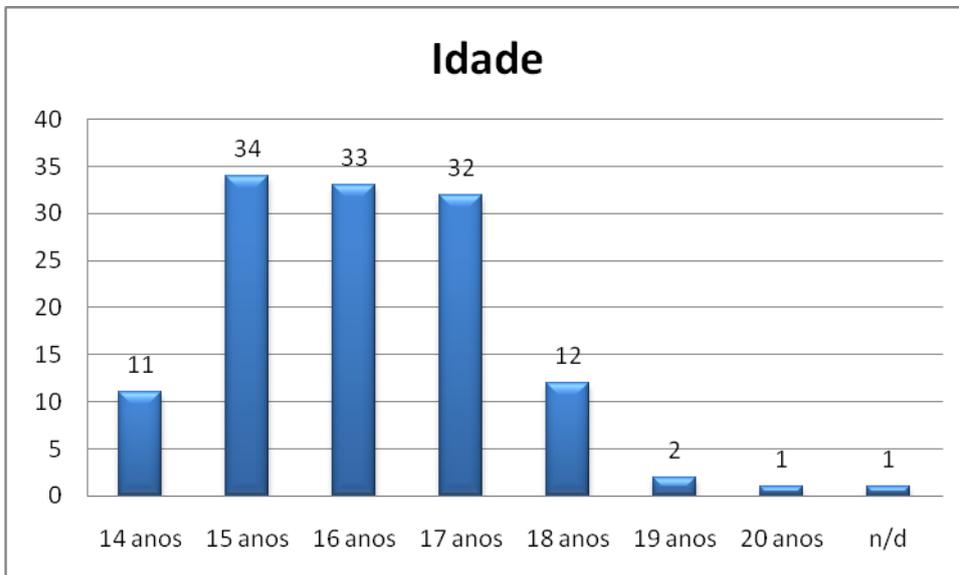
3 O JOVEM E A RELIGIÃO NO IFES – CAMPUS ITAPINA

3.1 Características do jovem agricolano

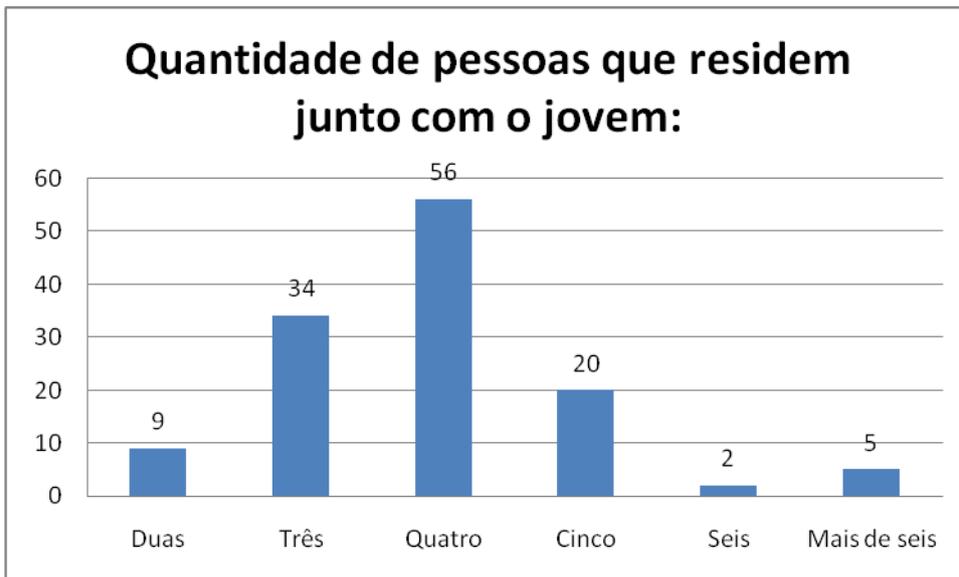
Como deixamos claro na introdução do presente trabalho de pesquisa, esta foi realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – IFES Campus Itapina, um ambiente que cultiva o saber racional e a objetividade e teve intuito de buscar compreender como os jovens desta instituição, especificamente os que ali residem em regime de internato, vivenciam e manifestam sua religiosidade.

O questionário de pesquisa foi aplicado a 126 (cento e vinte e seis) residentes no Internato do Campus Itapina, sendo todos do sexo masculino, uma vez que este internato só atende a esta clientela. A seguir apresentamos algumas características destes sujeitos:

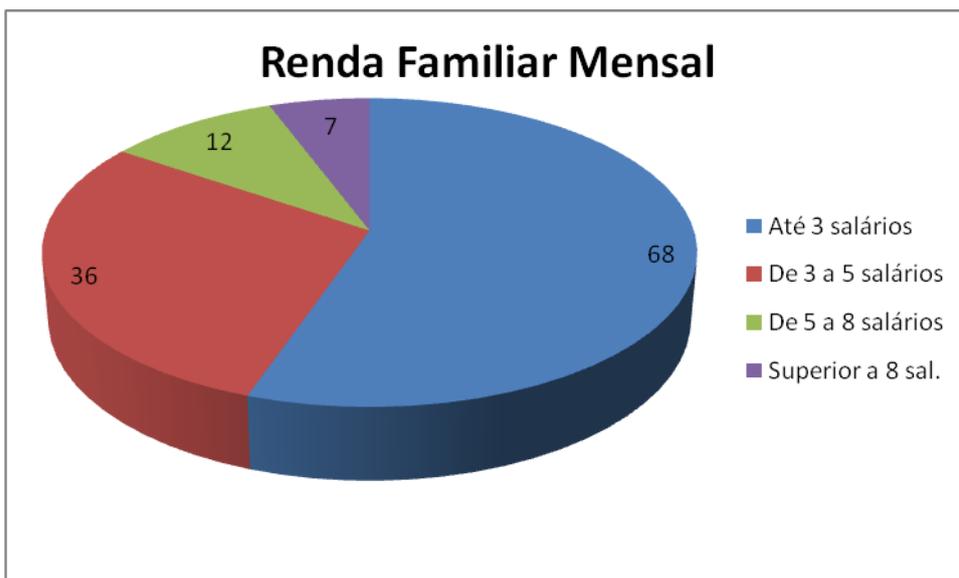
Como o gráfico abaixo mostra 78,3% (setenta e oito vírgula três por cento) dos internos pesquisados estão entre a faixa etária de 15 a 17 anos.



Quanto à renda familiar é necessário levar em consideração dois dados: a quantidade de pessoas que residem junto ao jovem e a renda familiar mensal.



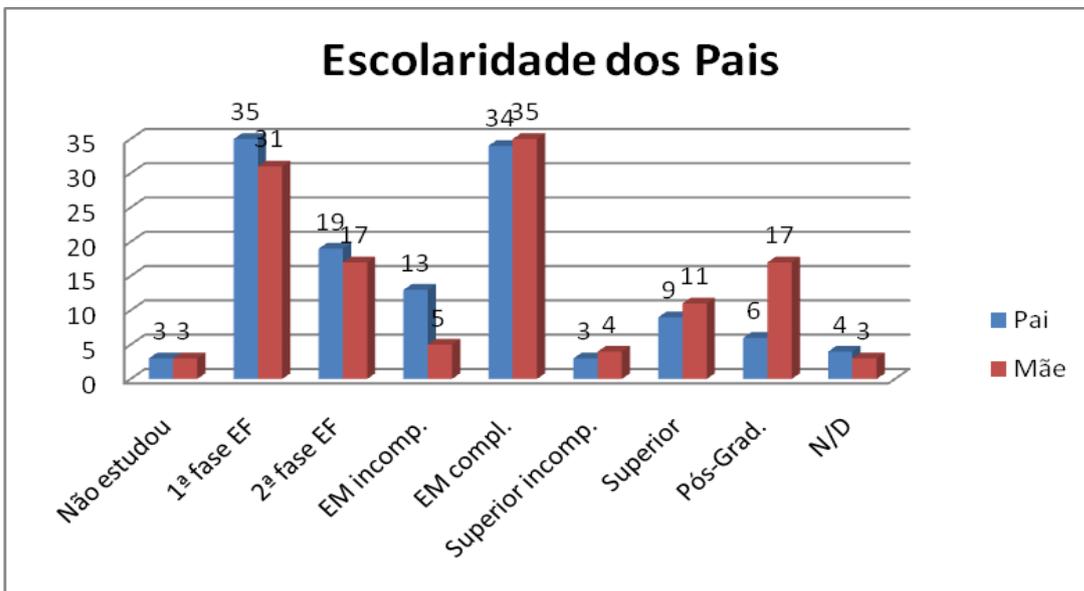
Como mostra o gráfico acima 44,4% dos jovens pesquisados residem com quatro pessoas e 26,9% com três.



A expressiva maioria 53,9% tem renda familiar de até três salários mínimos e 28,5% de três a cinco salários mínimos. O que vem a comprovar um dos objetivos de atendimento do internato da instituição: atender a classe socioeconômica baixa. Percebemos que a maior parte dos sujeitos pesquisados tem uma renda per capita familiar de menos de um salário mínimo.



Com relação a vida conjugal dos pais dos jovens pesquisados a grande maioria 68,2% vivem juntos, 26,1% são separados e apenas 2,3% são viúvos (as). Um percentual de separados grande se considerarmos o Censo IBGE 2010⁷⁰ que apontou um percentual de 14,6% de pessoas envolvidas em dissoluções de uniões.



Dado relevante em nossa pesquisa é a escolaridade dos pais dos nossos sujeitos. Os maiores índices se encontram na 1ª fase do Ensino Fundamental (frequentaram a escola somente até a antiga quarta série primária) e no Ensino Médio Completo. Apenas uma porcentagem inferior a 10 % chegaram a concluir o

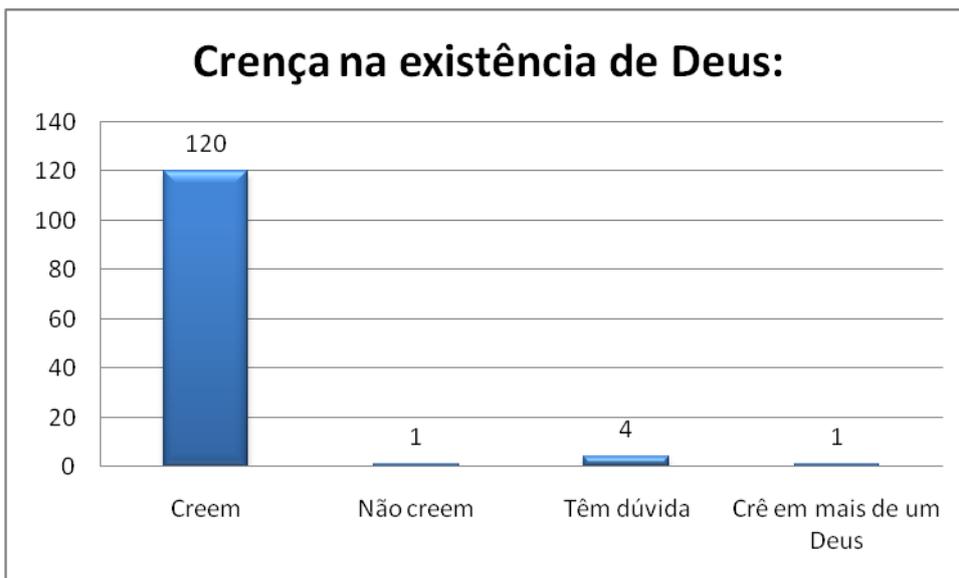
⁷⁰ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. *Síntese de Indicadores sociais 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

Ensino Superior. No entanto, se compararmos aos dados do Censo IBGE 2010, a escolaridade dos pais dos sujeitos entrevistados é maior do que a dos brasileiros, em que quase a metade da população 49,2% não possuem o ensino fundamental completo.

3.2 A religiosidade do jovem agricolano

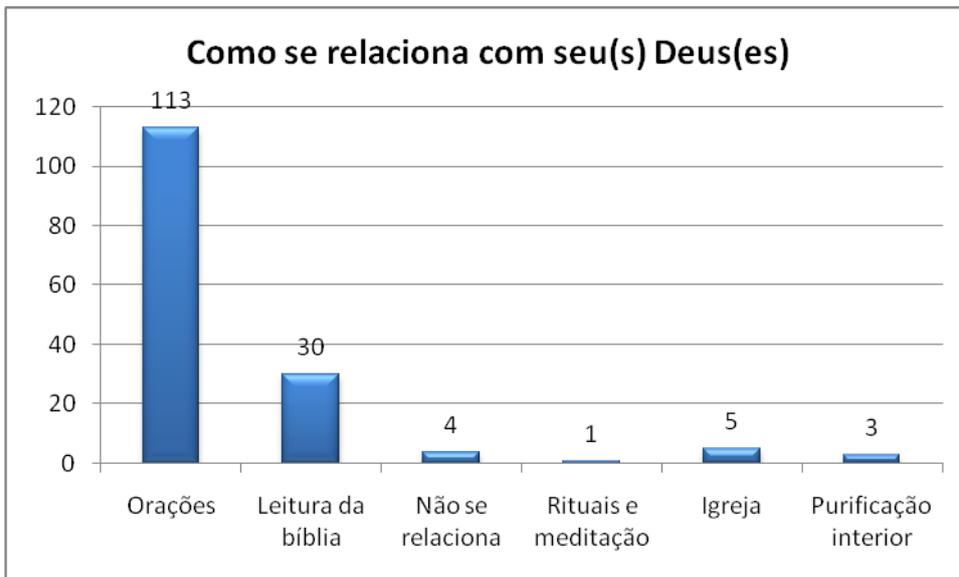
O segundo eixo do questionário aplicado dizia respeito à fé, crenças do jovem.

Quanto à crença em Deus, a grande maioria 95,2% dos jovens afirmou crer em Deus. Este dado vai de encontro ao que constatou o Censo IBGE 2010, em que apenas 7% dos brasileiros disseram ser ateus.

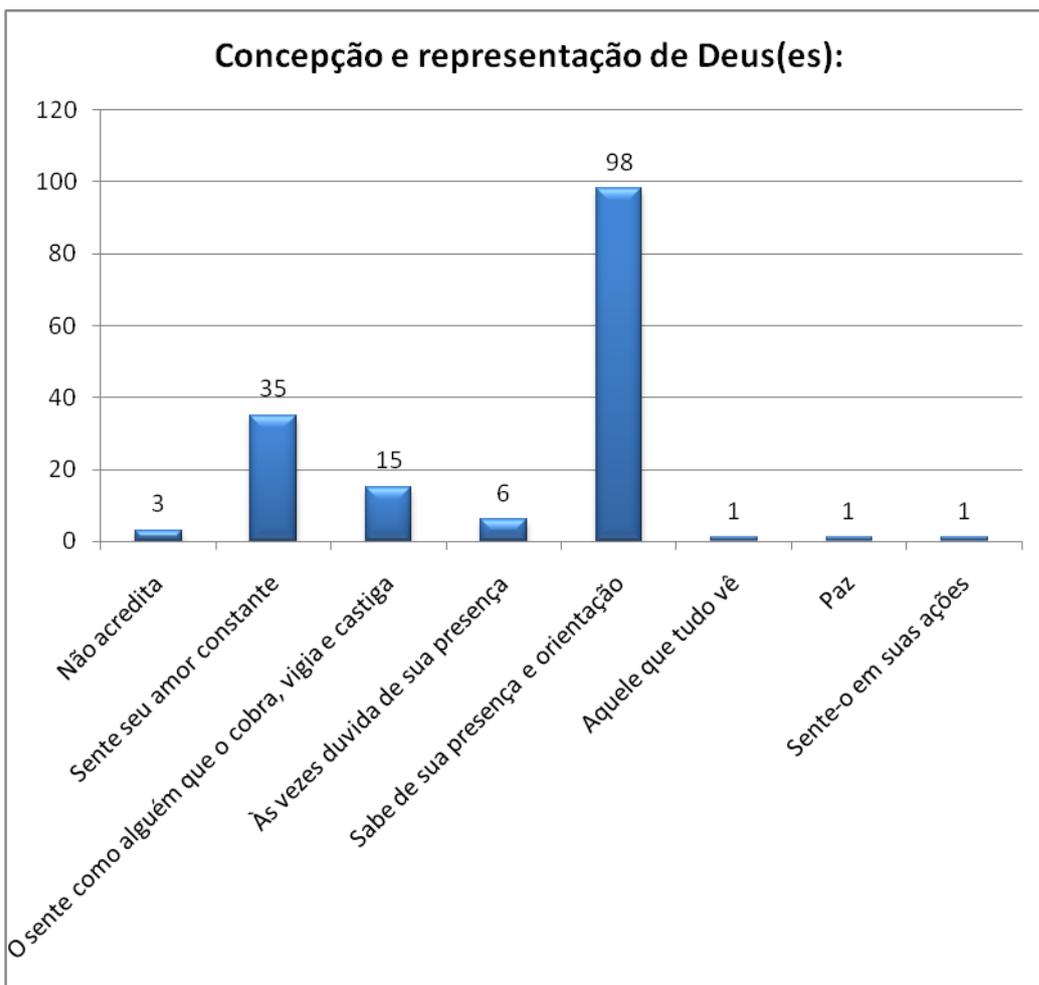


Questionados sobre como se relacionam com seu(s) Deus(es), a maioria 89,6 % descreve se relacionar com Ele(s) por meio de orações, 23,8 % afirmou ler a Bíblia com certa frequência. Percebemos que os adolescentes e jovens, creem, baseiam sua crença num sentimento, sem preocupação com a razão. Estabelecem um relacionamento individual com seu Deus, o que é característico desta faixa etária, proporcionado também pela resistência a rigidez que as instituições muitas vezes exigem. Como expressa Garcia⁷¹: “A oração infusa, em qualquer dos seus graus ou formas, comporta e é uma experiência da presença viva de Deus”.

⁷¹ GARCIA, Maximiliano Herais. Oração. Edições Loyola, 2001.p.46



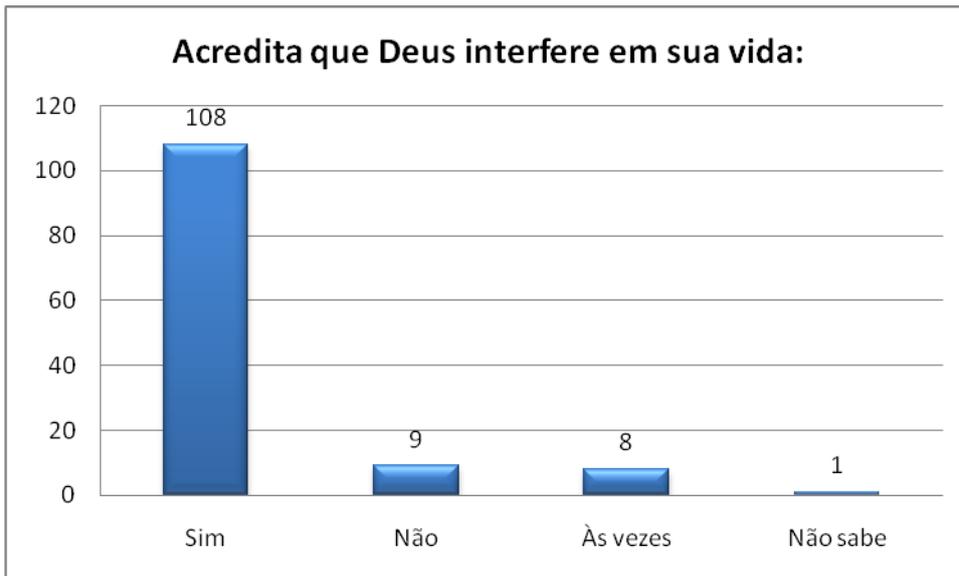
Ao serem questionados em como percebiam a presença de Deus em suas vidas, foram obtidas as seguintes respostas:



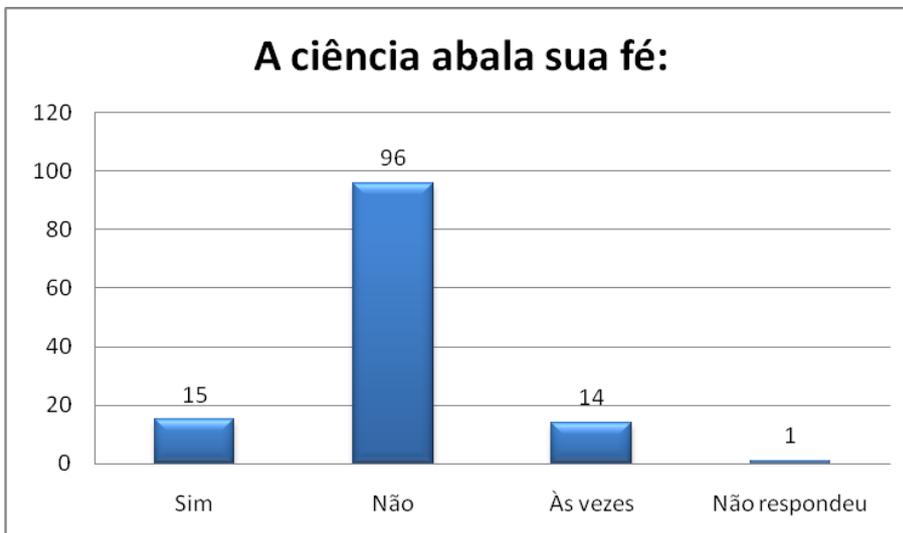
Como podemos perceber 77,7% dos jovens dizem saber da presença e orientação de Deus em suas vidas e 27,7% sentem seu amor constante. Apenas

4,7% dos entrevistados disseram às vezes duvidar de sua presença. Podemos perceber aí a projeção da figura do 'pai', aquele que cuida, projeta e orienta, que é transferida para Deus.

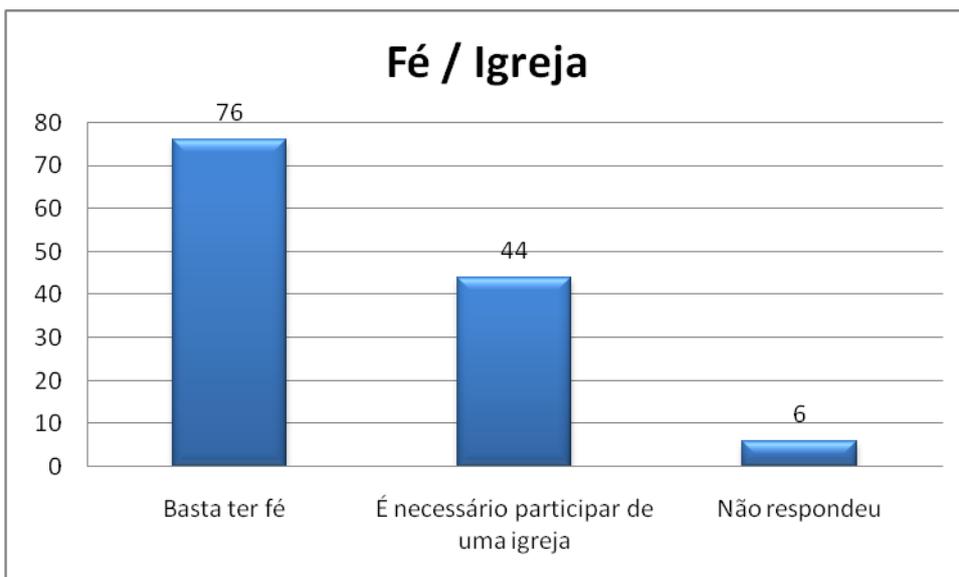
Respostas que vão de encontro a constatação seguinte: Questionados se acreditavam na interferência de Deus em suas vidas, 85,7% responderam que sim e apenas 7,1 % disseram que não.



Por estarem em um ambiente dominado pelo saber científico, foram questionados sobre como a ciência abala a fé que têm em Deus. Como notamos abaixo, a maioria 76,1 disse que a ciência não abala sua fé. Apesar de conviverem num ambiente dominado pela ciência, estarem iniciando trabalhos e projetos que tem em seu bojo a objetividade científica, afirmam acreditar numa força superior e inexplicável.



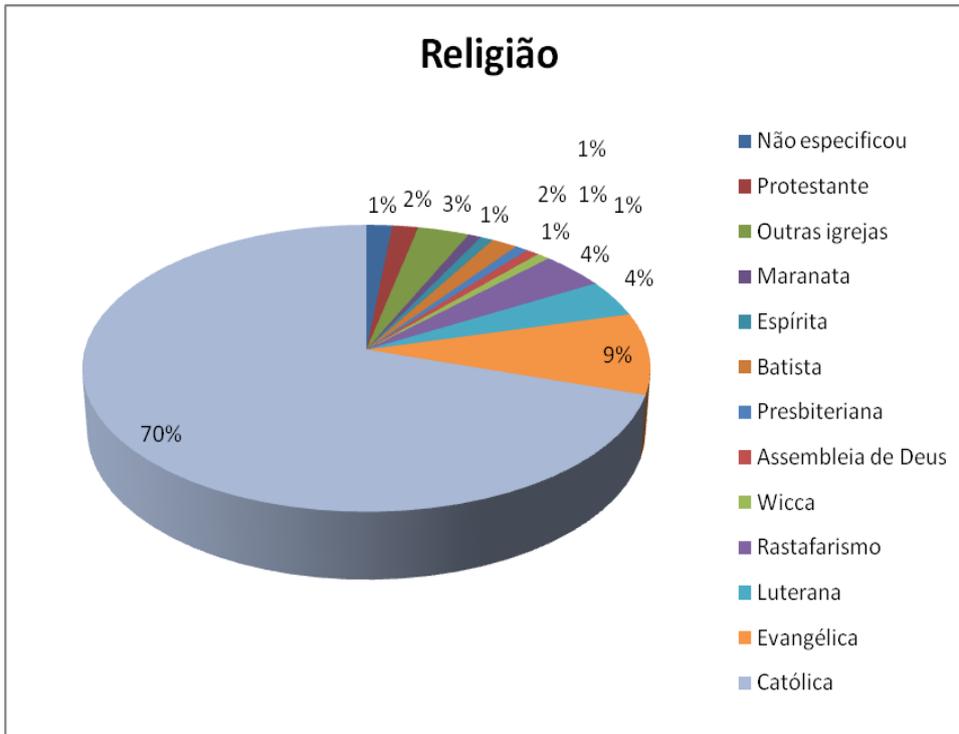
Questionados se bastava ter fé ou se era também necessário participar de alguma igreja, a maioria dos jovens 60,3 % disse que bastava ter fé e 34,9 % afirmaram que era necessário também participar de alguma igreja. Percebemos que os jovens atribuem ênfase ao sagrado, sem priorizar as instituições religiosas, como afirmou Bastide⁷².



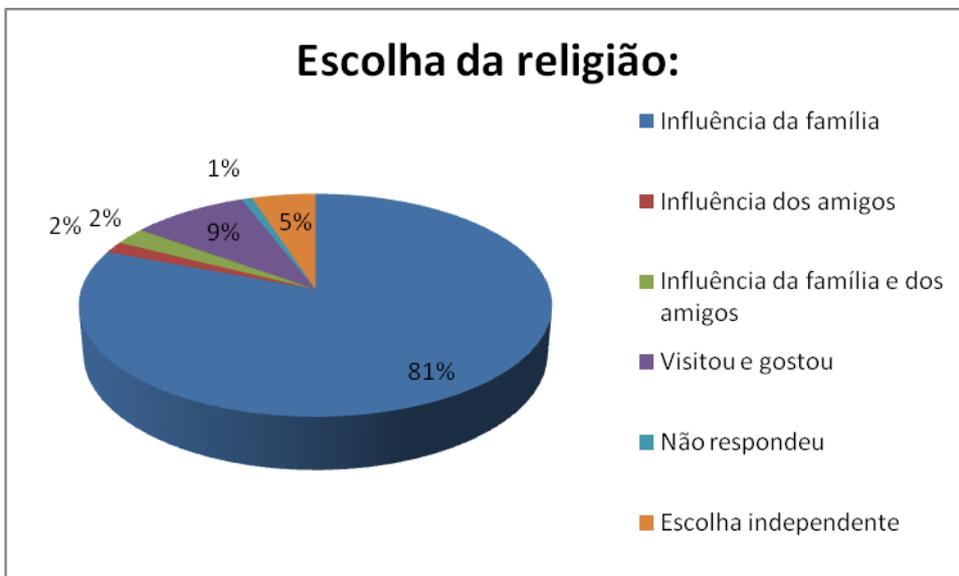
3.3 O lugar da religião na vida do jovem agricolano

No eixo Religião procuramos retratar como estes jovens se identificam quanto à religião. Dos 126 sujeitos pesquisados, apenas 6 disseram não ter religião. Dos 120 restantes, 84 são católicos e os demais ficaram distribuídos conforme mostra o gráfico:

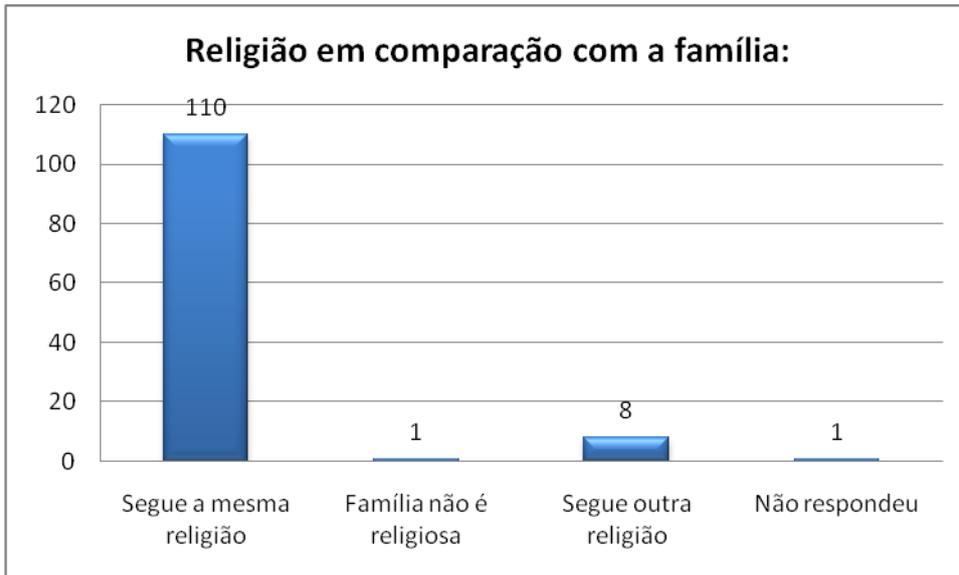
⁷² BASTIDE, Roger apud RIBEIRO, 2009. p. 61



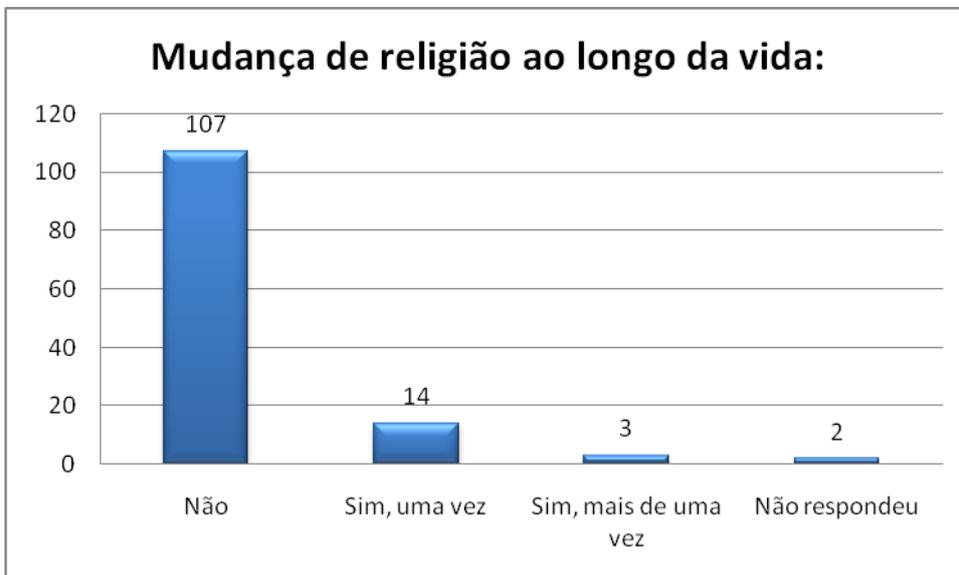
Quanto à escolha da religião, a grande maioria 97 sujeitos afirma ter sido influência da família, e apenas 17 escolheram a sua religião de maneira independente ou por meio de visitação.



O quadro abaixo também vem a comprovar a grande influência da família sobre os sujeitos desta pesquisa. 91,6 % dos jovens seguem a mesma religião dos pais, e apenas 6,6 % seguem outra religião.



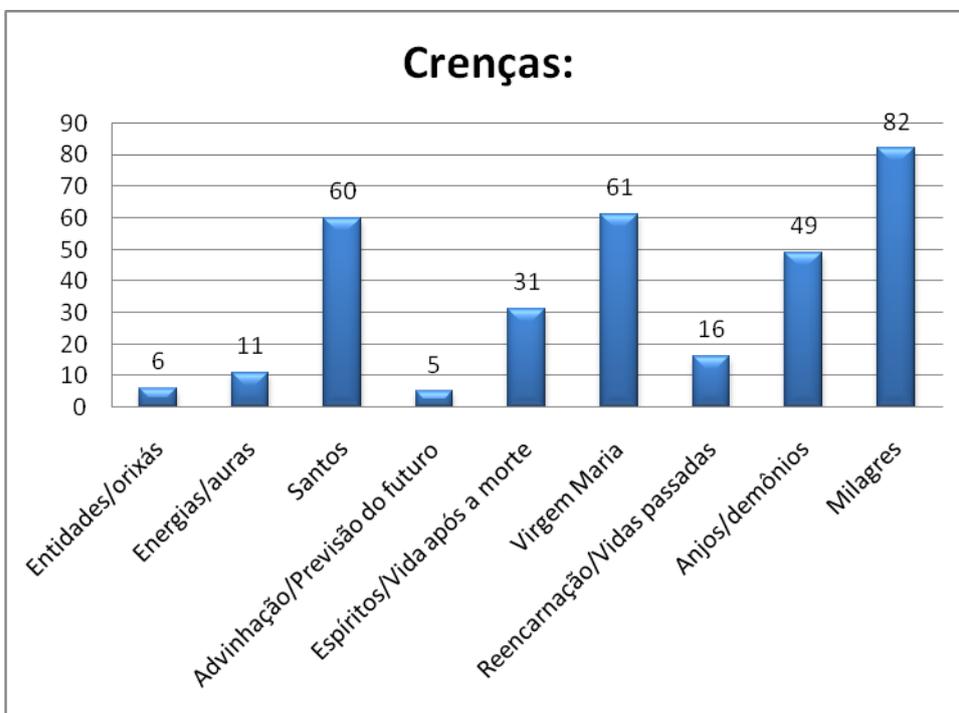
Podemos dizer que há muita estabilidade quanto à pertença religiosa destes jovens, o que pode estar relacionado à baixa idade dos mesmos (a maioria é adolescente) e sofrem muita influência da família, 84,9 % nunca mudaram de religião, 11,1 % mudaram apenas uma vez e somente 2,3 % mudaram mais de uma vez de religião.



O que foi comprovado na questão seguinte: Você tem convicção na fé/religião que você escolheu? 88,8% disseram ter convicção na fé/religião escolhida e apenas 6,3% afirmaram não ter convicção.

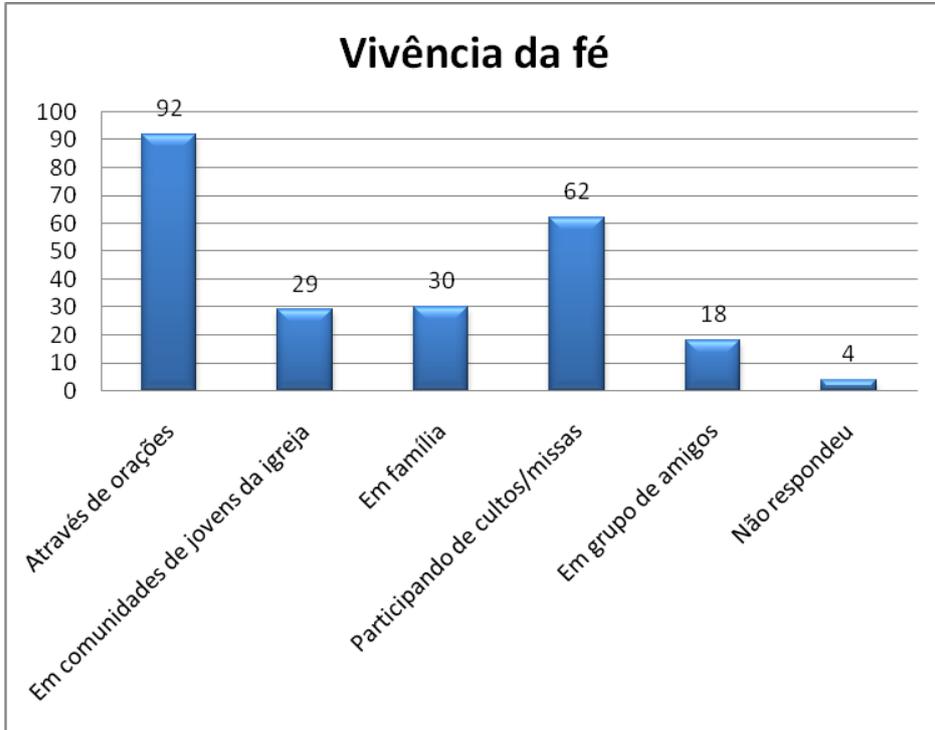


Apesar das certezas expostas acima, percebemos também um sincretismo religioso em nossos jovens, uma vez que manifestaram ter diferentes crenças. Este dado, vem confirmar uma característica do jovem contemporâneo a superficialidade e falta de compromisso com a fidelidade, tornando possível e confortável este misto de crenças. Como mostra o gráfico:

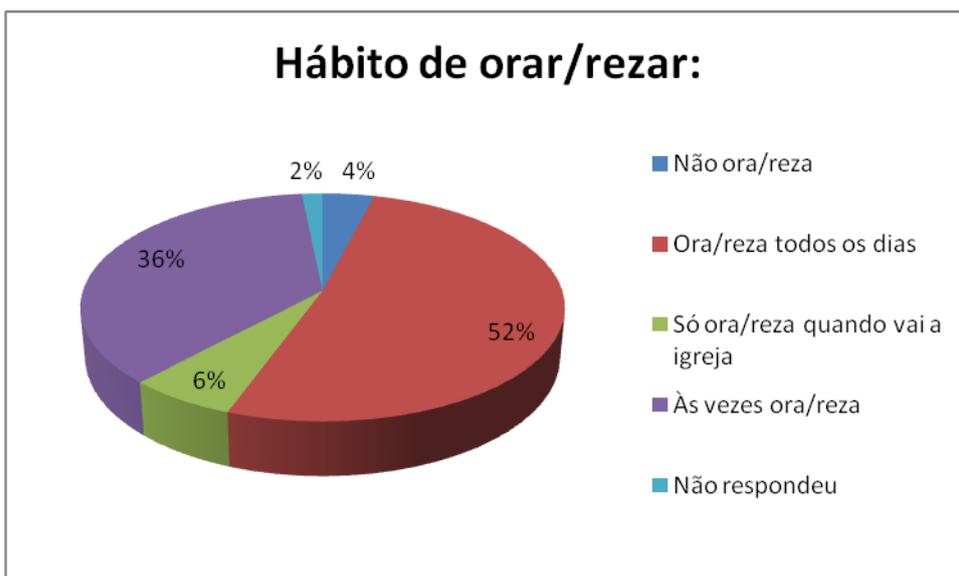


Outro eixo do questionário se referiu aos hábitos religiosos dos jovens. A primeira questão se referia à vivência da fé. Percebemos que a grande maioria 76,6% vivencia sua fé por meio das orações, 51,6% frequentam cultos e missas,

24,1% participam de grupos de jovens, 25% vivem a fé em família e apenas 15% junto aos amigos.

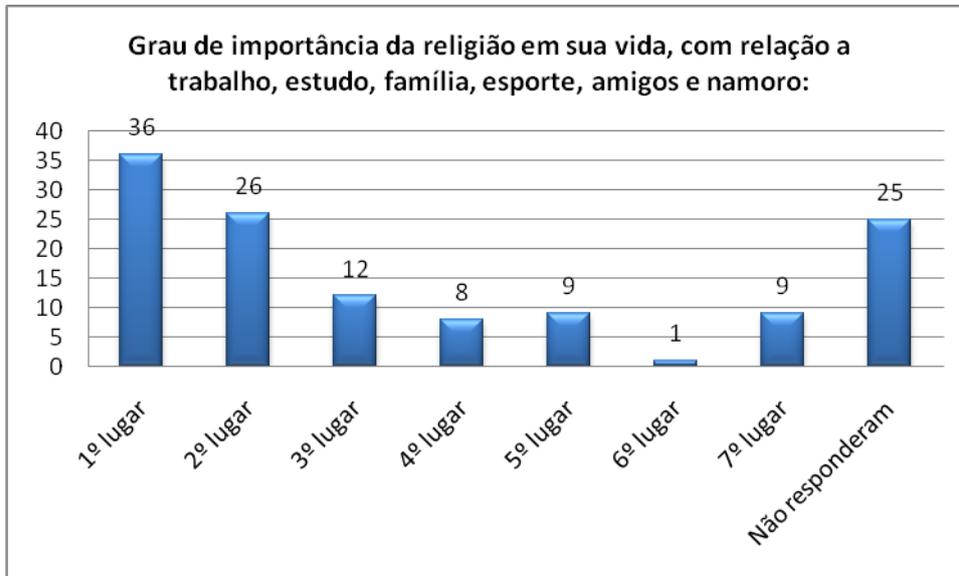


A vivência da fé através das orações foi confirmada pela frequência com que estes jovens se dedicam a esta tarefa, como mostra o gráfico abaixo. A grande maioria 65 jovens afirmaram orar/rezar todos os dias e apenas 5 disseram não orar/rezar.



Outro eixo do questionário aplicado se referia aos valores deste grupo. O gráfico abaixo mostra o grau de importância da religião na vida do jovem, com

relação a trabalho, estudo, família, esporte, amigos e namoro. Percebemos que a maioria dos sujeitos entrevistados 28,5% colocou a religião em primeiro lugar, 20,6% em segundo lugar e 9,5% em terceiro lugar. Ou seja, para mais de 50% dos entrevistados a religião tem lugar prioritário em sua vida.



Questionados se a religião ajuda a dar sentido às suas vidas, a grande maioria 98 sujeitos disseram que sim contra apenas 23 que afirmaram que não. Esta é uma das principais funções da religião: dar-lhe sentido, significado. Segundo Berger⁷³, isto se deve ao fato das pessoas não suportarem as incertezas, ele busca a firmeza na fé religiosa.

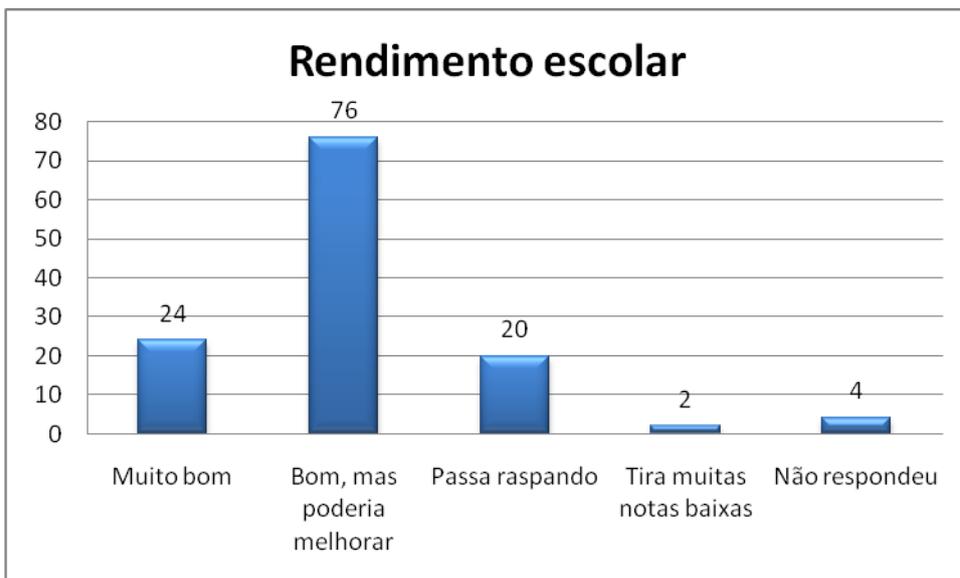


⁷³ Berger, 1985.p. 55

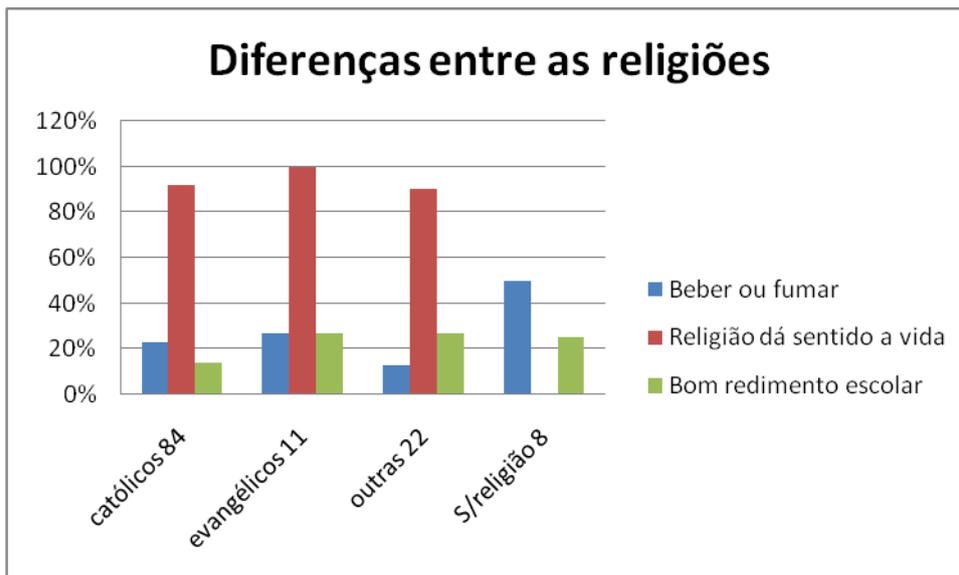
Quanto aos projetos para vida, planos para o futuro, o gráfico abaixo mostra que grande parte dos sujeitos desta pesquisa se preocupam com seu futuro e traçam planos para o mesmo: 66,6 % destes jovens planejam fazer um curso superior.



Quanto ao seu rendimento escolar no momento, foi verificado que somente 19% consideram seu rendimento muito bom, 60,3% o consideram bom, mas poderia melhorar e 15,8% disseram passar de ano raspando.



Ao comparar alguns dados sobre os hábitos dos sujeitos pesquisados, se bebem ou fumam, o sentido da vida e o rendimento escolar entre as diversas religiões ou os sem religião; a maior diferença se referiu ao hábito de beber ou fumar, onde 50% dos sem religião declaram ter este hábito, enquanto entre os religiosos não chegou a 25%. Quanto ao sentido da vida e rendimento escolar não foi notado diferença significativa.



CONCLUSÃO

Ao final deste trabalho, destaco a importância das reflexões proporcionadas pelas muitas leituras e releituras que fiz sobre a cultura humana para o meu trabalho enquanto pedagoga de uma escola que atende o público jovem.

Situar a cultura jovem no contexto atual é de extrema significância para a melhoria do atendimento educacional deste público, tão rico e multifacetado que é o jovem brasileiro.

Percebemos que a evolução da sociedade propõe uma nova utopia. Após as crenças absolutas, na intervenção divina e posteriormente na ciência que daria as respostas a todas as coisas, hoje a expectativa está na crença do eu, no individualismo, nas verdades individuais. Cada um produz sua própria verdade, seus sonhos, que não leva em consideração o outro, tornando nesta sociedade a solidariedade cada vez mais escassa. Neste cenário a religião assume um lugar diferenciado na vida do jovem que busca se autoafirmar. A compreensão das relações estabelecidas por estes jovens neste contexto muito pode contribuir para os melhores resultados no trabalho do educar, tornando a educação mais significativa para o jovem.

Compreender como este contexto cultural se forma e se transforma nesta sociedade tão rica e diversa, e como o desenvolvimento da mesma se dá nos tempos atuais, seus avanços, só vem a contribuir para o desenvolvimento da nossa capacidade de atuar com perspicácia nos diversos ambientes vivenciais dos quais fazemos parte.

Vimos que o crescente interesse do jovem pela religião representa a necessidade de buscar sentido para sua existência e uma colocação mais clara na sociedade atual. O jovem tem um vínculo de fé com o sagrado que independe diretamente de uma religião institucionalizada. Nossos estudos também mostram que o jovem atribui sua fé a diversos nomes (energia, cosmos, natureza, etc.) que contribuem para formação de um mosaico religioso rico em diversidade. O que se mostrou de maneira bem tímida ainda entre os jovens aqui pesquisados, provavelmente devido a pouca idade dos mesmos.

Ficou nítida também a importância da família na construção da identidade deste jovem, em sua tomada de decisões, apesar de estarem 'distantes' momentaneamente das mesmas. Esta grande influência exercida pela família também nos chama atenção para a necessidade de busca de maior parceria com a mesma no cotidiano escolar, onde ela atualmente tem pouca participação. Comprovou-se a necessidade de implementação de projetos que estabeleçam parcerias mais solidas entre família-escola.

A abordagem feita não pretende esgotar ou abarcar toda produção teórica sobre o assunto, porém buscou promover um processo de investigação que possibilitasse uma análise compreensiva e interpretativa a partir da vivência dos pesquisados.

Ao longo do trabalho realizado, percebemos que a religiosidade do jovem é uma dimensão viva, que faz parte da sua personalidade, mas não é algo pronto e acabado. Como são sujeitos em constante transformação, jovens adolescentes, não podemos concluir que este é um resultado consolidado, e sim um retrato momentâneo, sujeito a novos arranjos e adaptações. Mesmo porque, como dissemos anteriormente, não podemos esquecer a interferência da historicidade nos fatos observados.

No entanto, também sabemos que o jovem costuma direcionar muita energia àquilo que ele gosta e acredita, e percebemos que com relação à religiosidade não é diferente, ocorre uma entrega, uma doação, tornando intensa esta vivência e enriquecendo sua experiência. Os nossos sujeitos baseiam esta vivência em sua fé, confiança em Deus e no sentido atribuído a sua existência. Têm Deus como uma força próxima, com quem podem contar, que os protegem e os guia, sem medo ou proibições.

A amostra estudada se revelou em sua maioria adeptos à religião católica, no entanto não baseiam suas crenças unicamente em uma vivência religiosa institucionalizada, mantendo uma relação mais individualizada, próxima e de confiança com seu transcendente. Conciliam bem as dicotomias entre ciência e religião, não deixando que a primeira abale sua fé, lidando com ambos os campos com tranquilidade. O desencantamento do mundo, a influência da tecnologia não afetou sua crença, ainda buscam força e amparo na fé, mesmo que sejam os maiores usuários de tecnologia.

Podemos concluir que os jovens pesquisados são religiosos a seu modo, sem dependerem diretamente de uma instituição religiosa para viverem esta religiosidade, experienciando esta dimensão de maneira mais subjetiva, individualizada e pessoal, o que vem de encontro às características do jovem contemporâneo.

Em uma sociedade que passa por profundas e constantes modificações nos costumes, nos valores, nas formas de pensar e dar sentido às coisas, os campos científico, filosófico, religioso entre outros, vivem em conflito e se entrelaçam a todo momento num todo complexo e contraditório. E, o ser humano, o jovem se forma cheio de dúvidas e inquietações, o que o leva a buscar apoio na religião, a ter convicção da importância da religiosidade em sua vida.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. *Adolescência*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1980.
- AZEVEDO, Marcos Antonio Farias de Azevedo. Uma breve abordagem sócio-cultural, antropológica e religiosa na modernidade. In Reflexus – Ano III – nº 03 (2009.1) – Vitória: Editora Unida, 2009.
- BERGER, P. L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo. Paulos, 1985.
- BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. (Org.) *Globalização e Regionalização das Comunicações*. EDUC, Sergipe, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5ª Ed. São Paulo. Perspectiva, 2004.
- BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos culturais de juventude*. 2. ed. reform. São Paulo: Moderna, 2008.
- EISENSTEIN, E. *Adolescência: definições, conceitos e critérios*. Adolesc Saúde. 2005.
- FELIX, Fabíola Angarten. *Juventude e estilo de vida: Cultura de consumo, lazer e mídia*. 2003, 99 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2003.
- FERREIRA, Barna Will. *Adolescência hoje: Uma abordagem sociológica*. IN Revista Vesitas, nº 154, Junho, 1994.
- FOWLER, James W. Estágios da fé, Fowler, James. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Ed. Sinodal. 1992.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*, Rio: Zahar, 1978
- GEERTZ, Clifford. *El impacto del concepto de cultura en el concepto de hombre: a La interpretación de las culturas*, Barcelona: Gedisa, 1987.
- GUIMARÃES, Giselene Garia e GRINSPUN, Miriam P.S.Z. Revisitando as origens do termo juventude: a diversidade que caracteriza a identidade. Anped.
- GREUEL, Sigolf. *Religião e religiosidade na pós-modernidade*. EST/IEPG, 2008.
- GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GROPPO, Luís Antonio. *Transculturação e novas utopias*. Revista Lua Nova – Revista de cultura e política, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ln/n64/a06n64.pdf>

IANNI, Octávio. *Transculturação*. Associação Brasileira de Desenvolvimento de Lideranças, 1999. Disponível em www.abdl.org.br/.../185/TRANSCULTURAÇÃO.doc

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Projeto Pedagógico Institucional**, 2009.

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – Campus Itapina. **Plano de Desenvolvimento Institucional**, 2009.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. *Síntese de Indicadores sociais 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

Juventude e Contemporaneidade. Brasília. UNESCO, MEC, ANPEd, 2007, 284 p. (Coleção Educação para Todos, 16)

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura, um conceito antropológico*. Zahar. Rio de Janeiro, 1986.

MADURO, Otto. *Religião e Luta de Classes*. Petrópolis, Vozes, 1983.

MARRIOTTI, Humberto. *As paixões do ego: Complexidade, Política e Solidariedade*. São Paulo, Palas Athena, 2000.

OLIVEIRA, Maria Claudia Santos Lopes. *Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica*. Psicologia em Estudo, Maringá, 2006. Disponível em www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a21.pdf

PEREIRO, Xerardo. *Apontamentos de Antropologia Sociocultural*, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), 2011-2012. Disponível em www.utad.pt/~xperez/

PIAGET, J; INHELDER, B. *Da lógica da criança à lógica do adolescente: ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais*. Trad.de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1976.

SANTOS, Boaventura de Souza Santos. *Os processos da globalização*. Eurozine, 2002. In globalização. Disponível em www.eurozine.com/articles/2002-08-22-santospt.htm

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.